



Rfb
Editora



La educación agustiniana en tiempos de pandemia: experiencias en América Latina

Fr. Arthur Vianna Ferreira O.S.A.

**LA EDUCACIÓN
AGUSTINIANA EN
TIEMPOS DE PANDEMIA:
EXPERIENCIAS EN AMÉRICA
LATINA**



Todo o conteúdo apresentado neste livro é de responsabilidade do(s) autor(es).

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-SemDerivações 4.0 Internacional.

Nossa missão é a difusão do conhecimento gerado no âmbito acadêmico por meio da organização e da publicação de livros científicos de fácil acesso, de baixo custo financeiro e de alta qualidade!

Nossa inspiração é acreditar que a ampla divulgação do conhecimento científico pode mudar para melhor o mundo em que vivemos!

Equipe RFB Editora

Arthur Vianna Ferreira
(Organizador)

**LA EDUCACIÓN
AGUSTINIANA EN
TIEMPOS DE PANDEMIA:
EXPERIENCIAS EN AMÉRICA
LATINA**

1ª Edição

Belém-PA
RFB Editora
2023

© 2023 Edição brasileira
by RFB Editora
© 2023 Texto
by Autor
Todos os direitos reservados

RFB Editora
CNPJ: 39.242.488/0001-07
www.rfbeditora.com
adm@rfbeditora.com
91 98885-7730

Av. Governador José Malcher, nº 153, Sala 12, Nazaré, Belém-PA,
CEP 66035065

Editor-Chefe
Prof. Dr. Ednilson Souza
Diagramação
Worges Editoração
Revisão de texto e capa
Autor

Bibliotecária
Janaina Karina Alves Trigo Ra-
mos
Produtor editorial
Nazareno Da Luz

Catálogo na publicação
RFB Editora



E24

La educación agustiniana en tiempos de pandemia: experiencias en américa latina /
Arthur Vianna Ferreira (Organizador). – Belém: RFB, 2023.

Livro em PDF

116 p.

ISBN: 978-65-5889-484-1

DOI: 10.46898/rfb.355ce8ce-497e-4f14-967c-89466cf5bff6

1. La educación agustiniana en tiempos de pandemia. I. Ferreira, Arthur Vianna
(Organizador). II. Título.

CDD 370

Índice para catálogo sistemático

I. Educação.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza - UFOPA
(Editor-Chefe)

Prof. Dr. Laecio Nobre de Macedo-UFMA

Prof^a. Ma. Rayssa Feitoza Felix dos Santos-UFPE

Prof. Me. Otávio Augusto de Moraes-UEMA

Prof. Dr. Aldrin Vianna de Santana-UNIFAP

Prof^a. Ma. Luzia Almeida Couto-IFMT

Prof^a. Dr^a. Raquel Silvano Almeida-Unespar

Prof. Me. Luiz Francisco de Paula Ipolito-IFMT

Prof. Me. Fernando Vieira da Cruz-Unicamp

Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa-UFMA

Prof^a. Dr^a. Ilka Kassandra Pereira Belfort-Faculdade Laboro

Prof^a. Dr. Renata Cristina Lopes Andrade-FURG

Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves-IFF

Prof. Dr. Clézio dos Santos-UFRRJ

Prof. Dr. Rodrigo Luiz Fabri-UFJF

Prof. Dr. Manoel dos Santos Costa-IEMA

Prof^a. Ma. Adriana Barni Truccolo-UERGS

Prof. Me. Pedro Augusto Paula do Carmo-UNIP

Prof.^a Dr^a. Isabella Macário Ferro Cavalcanti-UFPE

Prof. Me. Alisson Junior dos Santos-UEMG

Prof. Me. Raphael Almeida Silva Soares-UNIVERSO-SG

Prof. Dr. Rodolfo Maduro Almeida-UFOPA

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné-Faccrei

Prof. Me. Fernando Francisco Pereira-UEM

Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos-UEL

Prof. Me. Antonio Santana Sobrinho-IFCE

Prof.^a Dr.^a. Maria de Fatima Vilhena da Silva-UFPA

Profa. Dra. Dayse Marinho Martins-IEMA

Prof. Me. Darlan Tavares dos Santos-UFRJ

Prof. Dr. Daniel Tarciso Martins Pereira-UFAM

Prof.^a Dr.^a. Elane da Silva Barbosa-UERN

Prof. Dr. Piter Anderson Severino de Jesus-Université Aix Marseille

No esperes recibir de mí todas las respuestas que necesitas. Yo no soy un maestro perfecto, sino que sigo aprendiendo nuevas cosas cada día en el mismo ejercicio de la enseñanza.

San Agustín in Epist. 266, 2, 4.

Não esperes receber de mim todas as respostas que buscas. Eu não sou um mestre perfeito, ao contrário continuo aprendendo coisas novas a cada dia através do exercício do processo de ensinar.

Santo Agostinho in Epist. 266, 2, 4.

SUMÁRIO

PRESENTACIÓN.....	11
APRESENTAÇÃO	13
CAPÍTULO 1	
LA EDUCACIÓN AGUSTINIANA DESDE EL COVID-19 EN AMÉRICA LATINA: UNA INTRODUCCIÓN	15
CAPÍTULO 2	
A EDUCAÇÃO AGOSTINIANA DESDE O EVENTO DE COVID-19 NA AMÉRICA LATINA: UMA INTRODUÇÃO.....	21
CAPÍTULO 3	
LA EDUCACIÓN AGUSTINIANA EN AMÉRICA LATINA: DESAFÍOS PARA EL APOSTOLADO EN TIEMPOS DE PANDEMIA.....	27
CAPÍTULO 4	
A EDUCAÇÃO AGOSTINIANA NA AMÉRICA LATINA: DESAFIOS PARA O APOSTOLADO EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	43
CAPÍTULO 5	
EL ITINERARIO ESPIRITUAL AGUSTINIANO COMO EXPERIENCIA EDUCATIVA	59
CAPÍTULO 6	
O ITINERÁRIO ESPIRITUAL AGOSTINIANO COMO EXPERIÊNCIA EDUCATIVA	71
CAPÍTULO 7	
JUSTICIA Y PAZ COMO PROCESO EDUCATIVO EN AMÉRICA LATINA	83
CAPÍTULO 8	
JUSTIÇA E PAZ COMO PROCESSO EDUCATIVO NA AMÉRICA LATINA	99
INDICE REMISSIVO.....	113
CONOCIENDO A LOS AUTORES	114

PRESENTACIÓN

Muy apreciados hermanos y hermanas:

Es un gusto para mi dirigir estas líneas a quienes forman parte del Apostolado de la Educación de OALA, y que hacen de la Educación Agustiniiana una herramienta al servicio de la Evangelización de Latinoamérica y El Caribe; y más aún, a todos quienes se identifican con el carisma y espiritualidad de nuestra Orden, haciendo de este tesoro, una herramienta para educar para la Vida.

Apreciada Comunidad Educativa: vuestra vocación y misión de educar no es cosa fácil de realizar, sobre todo, en tiempos en los que la sociedad exige, reclama y demanda, según sus criterios y necesidades.

La pandemia, por su parte, ha evidenciado fuertes cargas de estrés, ansiedad y agotamiento, tanto por la excesiva carga laboral, debido a la extensión horaria, como por lo desafiante que fue en un primer momento aprender nuevas formas de entregar contenidos, planificar y educar.

Muchos de ustedes, en la fase de implementar nuevos métodos para realizar sus clases, debieron extender su carga horaria, aprender nuevos métodos, usar nuevas herramientas y tecnologías, y de seguro, al comienzo, vivieron varias experiencias, algunas graciosas y otras, frustrantes.

El cansancio mental, emocional y corporal que, sin lugar a duda, hacen más compleja aún la siempre desafiante misión de educar, han tenido un protagonismo inesperado y no querido.

La vuelta a la presencialidad, de seguro, fue un gran desafío, el que por momentos exigió repensar la forma de entregar los conte-

nidos, tratar con las ansiedades y lidiar con distintas dificultades en el proceso de aprendizaje.

Lamentablemente, por amenazas externas, de seguro no se pudieron tratar todos los contenidos correspondientes a los planes y programas, sin embargo, todo lo anterior, ha quedado de manifiesto que la pandemia en sí misma ha sido también una oportunidad de profundos y significativos aprendizajes, los cuales habrá que decantar a medida que se hagan los necesarios análisis y estudios sobre el proceso de enseñanza en el contexto de pandemia.

No obstante, todo lo anterior, nadie puede poner en tela de juicio, la gran entrega, entusiasmo, dedicación y cariño que le han puesto al desafío de educar en un escenario tan adverso.

Mis más sinceras felicitaciones a todo el profesorado, asistentes de la educación, auxiliares y personal consagrado, que aprendieron y supieron lidiar con tantas dificultades, convirtiendo esta pandemia en una oportunidad, reinventándose y apostando por algo que vale realmente la pena: la educación católica al estilo agustiniano, educando para la libertad y la interioridad, para la amistad y la vida al servicio de la humanidad, en suma, para la trascendencia; para la Vida.

Jesucristo, el Maestro interior, les siga iluminando, educando y protegiendo, a ustedes, sus familias y a todas las nuestras Comunidades Educativas.

Fraternalmente,
P. Yuliano E. Viveros A., OSA
Secretario General de OALA

APRESENTAÇÃO

Caros irmãos e irmãs:

É um prazer dirigir estas linhas àqueles que fazem parte do Apostolado Educativo da OALA e fazem da Educação Agostiniana uma ferramenta a serviço da Evangelização da América Latina e do Caribe. E ainda, a todos aqueles que se identificam com o carisma e a espiritualidade da nossa Ordem, fazendo deste tesouro um instrumento para educar para a Vida.

Querida Comunidade Educativa: a sua vocação e missão de educar não é fácil de cumprir, sobretudo nos tempos em que a sociedade exige, reclama e reclama, segundo os seus critérios e necessidades.

A pandemia, por sua vez, evidenciou fortes cargas de estresse, ansiedade e exaustão, tanto pela carga horária excessiva, pelos horários estendidos, quanto pelo desafio inicial de aprender novas formas de entregar conteúdo, planejar e educar.

Muitos de vocês, na fase de implementação de novos métodos para a realização de suas aulas, tiveram que estender sua carga horária, aprender novos métodos, utilizar novas ferramentas e tecnologias e, com certeza, no início, viveram várias experiências, algumas engraçadas e outras frustrantes.

O cansaço mental, emocional e físico que, sem dúvida, tornam ainda mais complexa a sempre desafiadora missão de educar, tiveram um papel inesperado e indesejado.

A volta ao presencial, com certeza, foi um grande desafio, que em alguns momentos exigiu repensar a forma de entregar o conteúdo, lidar com ansiedades e lidar com diversas dificuldades no processo de aprendizagem.

Infelizmente, devido às ameaças externas, certamente nem todos os conteúdos correspondentes aos planos e programas puderam ser tratados. Apesar de tudo o que foi dito, ficou claro que a própria pandemia foi também uma oportunidade de aprendizado profundo e significativo, o qual terão de ser decididas à medida que forem sendo feitas as análises e estudos necessários sobre o processo de ensino no contexto de pandemia.

Por isso, ninguém pode questionar a grande dedicação, entusiasmo, dedicação e carinho que têm colocado no desafio de educar num cenário tão adverso.

Meus mais sinceros parabéns a todos os professores, auxiliares educativos e religiosos, que aprenderam e souberam lidar com tantas dificuldades, fazendo desta pandemia uma oportunidade de crescimento. De fato, reinventando-se e apostando em algo que realmente vale a pena: a Igreja Católica educação ao estilo agostiniano, educa para a liberdade e a interioridade, para a amizade e a vida a serviço da humanidade, para a transcendência e para a vida.

Jesus Cristo, o Mestre interior, continue a iluminar, educar e proteger a todos, às suas famílias e a todas as nossas Comunidades Educativas.

Fraternalmente,
P. Yuliano E. Viveros A., OSA
Secretario Geral de OALA

CAPÍTULO 1

LA EDUCACIÓN AGUSTINIANA DESDE EL COVID-19 EN AMÉRICA LATINA: UNA INTRODUCCIÓN

Fr. P. Arthur Vianna Ferreira, OSA

“Cuando se trata de aprender, no hay viejos ni jóvenes. Es cierto que los ancianos debieran estar enseñando más que aprendiendo, pero es preferible que se dediquen a aprender, cuando tratan de enseñar lo que no saben.”

San Agustín in Epist. 166, 1, 1.

Todos los textos son escritos en un tiempo específico.

Ellos expresan una realidad concreta y las necesidades de un grupo particular. Hace dos años tuvimos el evento del COVID-19 que reguló nuestras actividades personales, sociales, religiosas y también educativas. Con base en medidas de salud específicas, nuestras vidas fueron monitoreadas y reestructuradas. Nuestras relaciones interpersonales también se han modificado. Y, por eso, nuestra labor educativa fue afectada. Así, los educadores tuvieron que pasar por un conjunto de adaptaciones tecnológicas para que las prácticas educativas prosiguiesen dentro de una realidad social, que muchas veces, solo acentuaban las desigualdades sociales en nuestras sociedades latinoamericanas.

Este material que tenemos en nuestras manos es uno de los ejemplos de este tiempo histórico. La Comisión de Educación de OALA (Organización de Agustinos de América Latina) presenta un conjunto de textos organizados desde la transcripción de las ideas principales de las tres conferencias realizadas en el primer Congreso Continental WEB de Educadores, realizado íntegramente en línea, el 31 de enero de 1 y el 2 de febrero de 2022 a través de los canales de YouTube y Facebook de OALA.

Hasta 2018, todos los encuentros de educadores de OALA se realizaron presencialmente. Pero, debido a la pandemia del COVID-19, los encuentros en el formato remoto fue la solución para mantener la proximidad entre los agustinos y su apostolado educativo.

Durante estos tres días de encuentro, las dieciocho circunscripciones de la Orden de San Agustín (OSA), presentes en el continente latinoamericano, participaron de las actividades que se organizaron en 2 momentos. Por la mañana, hubo conferencias sobre temas que ayudaron a reflexionar sobre la realidad educativa en los centros educativos agustinos en tiempos de pandemia. Por la tarde, los participantes estuvieron en las mesas de trabajo, donde intercambiaron experiencias sobre la (re)organización de sus trabajos pedagógicos.

En el encuentro participaron profesores, directores, coordinadores, educadores religiosos y sociales que se dedican al trabajo educativo coordinados por los agustinos en aproximadamente 20 países desde el Norte al Sur del Continente Americano.

Aunque perdimos el componente presencial con el primer Congreso WEB de Educadores, también obtuvimos algunos avances significativos. Lo principal fue llegar a un más grande número de educadores que se involucraran en la discusión sobre la educación agustiniana en América Latina. Entre los canales virtuales (Facebook y YouTube) se registró la media de 250 participantes actuando en tiempo real en las actividades propuestas durante los tres días en las redes sociales. Y, luego después de realizado el evento, notamos alrededor de 690 visualizaciones (en enero de 2023) de personas que siguen en contacto con el contenido producido por los educadores agustinianos.

De esta forma, entendemos que el formato remoto de actividades es uno de los avances que nos dejó la pandemia del COVID-19. A la vez que fuimos obligados a utilizar las Tecnologías de la Información y de las Comunicaciones Digitales para realizar las prácticas docentes, creamos espacios de aproximación con cada uno de los educadores y los alumnos de nuestros centros educativos.

En este contexto, presentamos este material como una posibilidad de formación continuada para nuestros educadores en América Latina. Y, ponemos a la disposición los textos de la siguiente manera: (1) la conferencia en su totalidad a través del código QR que está disponible al principio de cada texto; y, (2) la síntesis de la conferencia disponible en el texto escrito para que todos entren en contacto con los temas específicos y sus principales consideraciones. La redacción del texto es sencilla y coloquial ya que tanto el video como los textos se complementan y amplían en el proceso de formación. Todos los textos están escritos en castellano y en portugués, respetando la diversidad de culturas presentes en el trabajo pastoral de los Agustinos en el Continente Latino Americano.

La propuesta es la utilización de estos 2 recursos (el e-book y los videos) por parte de los directores, coordinadores, profesores y educadores de los centros educativos agustinianos como posibilidad de reunir sus profesionales de la educación desde las temáticas de este Encuentro Continental. Al mismo tiempo, tenemos la oportunidad de ofrecer estos textos como una posibilidad de evaluación de cuánto hemos logrado avanzar en la nueva realidad educativa que estamos construyendo a partir del COVID-19.

Los tres temas principales que se encuentran en este material son los siguientes: la educación global y los desafíos de la pandemia de COVID-19; la espiritualidad agustiniana como desafío para los educadores; y, los conceptos de justicia y paz como práctica solidaria en los centros educativos agustinianos.

En el primer tema, el P. Alexander Lam Alania, Asistente General para América Latina, aborda la realidad sociohistórica latinoamericana, los desafíos que plantea la pandemia y el pacto educativo global. Esta discusión es fundamental para pensar en la organización de nuestras prácticas educativas en nuestros centros educativos.

En el segundo texto, el P. Gioberty Calle Calle, Coordinador de área de espiritualidad de la OALA, presenta el itinerario espiritual vividos por los Religiosos Agustinos y que se constituye en uno de los objetivos de sus actividades pastorales, incluso para los centros educativos en América Latina.

Y, el tercer texto proviene de la conferencia de P. Antônio Lózan Pun Lay, coordinador de Área de Justicia y Paz, y de P. Arthur Vianna Ferreira, coordinador de Área de Educación de la OALA. Los religiosos discutieron la importancia de comprender los conceptos de justicia y paz desde una perspectiva agustiniana y cómo podemos desarrollarlos dentro de los procesos educativos de nuestras escuelas y sus realidades latinoamericanas.

Finalmente, con este material se completa un ciclo de la comisión de Educación de la OALA (2019 a 2023). Enfrentamos grandes desafíos con la situación de la pandemia de COVID-19. Con este material, dejamos organizados 2 e-books¹ con reflexiones sobre Educación para ser utilizadas junto a nuestros profesionales de los centros educativos agustinianos como espacio de formación y de intercambio de experiencias.

Esas producciones ayudan en la construcción lógica sobre las actividades educativas realizadas por los Agustinos latinoamericanos. En este período logramos mantener la proximidad fundamental para construir cierta unidad entre los diferentes países de nuestro continente. Así, podemos considerar que logramos ser efectivos al proponer relaciones de ayuda mutua entre los Agustinos y sus reflexiones sobre el momento crítico que vivimos en estos 2 últimos años.

¹ El primer e-book (libro) tiene como título “**Donde Hay Unidad, hay Comunidad: la educación agustiniana en América Latina**” que tuvo su lanzamiento en 2020 por Pimenta Cultural, Brasil. Este libro se puede descargar de forma gratuita a través del enlace: <https://www.pimentacultural.com/livro/donde-hay-unidad>

Es verdad... Todos los textos se organizan desde un tiempo histórico específico...

Sin embargo, la responsabilidad de su actualización pertenece a cada uno de los que se acercan a los textos. Esta es la invitación a este material que presentamos: una oportunidad de formación para los educadores agustinianos de América Latina; y, una posibilidad de actualizar - y evaluar - las actividades que están realizando en los colegios.

El conjunto de estos textos se transforma en una dinámica formativa que abarca los diferentes lenguajes que las Tecnologías Digitales de la Información y de la Comunicación brindan a los profesionales de la educación que están bajo la responsabilidad de nuestro apostolado educativo. También queremos agradecer la colaboración de Fr. P. Antônio Rafael Magalhães da Cunha, de la Provincia Agustiniana de Brasil, quien nos ayudó en la transcripción de los textos presentados en este libro.

Ojalá, vamos a seguir creando espacios de encuentro, presenciales (y remotos), que reúnan y promuevan nuevos intercambios de experiencias. Así como diferentes posibilidades de trabajos conjuntos por una educación agustiniana cada vez más pertinente con las realidades de nuestro continente latinoamericano.

CAPÍTULO 2

A EDUCAÇÃO AGOSTINIANA DESDE O EVENTO DE COVID-19 NA AMÉRICA LATINA: UMA INTRODUÇÃO

Fr. Pe. Arthur Vianna Ferreira, OSA

“Quando se trata de aprender, não há velho ou jovem. É verdade que os mais velhos deveriam estar ensinando mais do que aprendendo, mas é preferível que se dediquem ao aprendizado, quando procuram ensinar o que não sabem.

Santo Agostinho em Epist. 166, 1, 1.

Todo o texto é datado.

Nele se expressa uma realidade específica e as necessidades de um determinado grupo. Durante dois anos tivemos o evento da COVID-19 que regulou as nossas atividades pessoais, sociais, religiosas e, também, educacionais. A partir de medidas sanitárias específicas tivemos as nossas vidas vigiadas e reestruturadas. As nossas relações interpessoais também foram modificadas. E, com isso, foi afetado o exercício do nosso trabalho educacional. Assim, o profissional da educação se viu obrigado a se submeter a um conjunto de adaptações tecnológicas para que as práticas educativas pudessem continuar sendo realizadas em uma realidade social que, muitas vezes, acentuou a desigualdade social em nossas sociedades latino americanas.

Esse material que temos em nossas mãos é um exemplo desse momento histórico. Os textos aqui apresentados pela Comissão de Educação da OALA (Organização dos Agostinianos de Latino América) são resultados das transcrições das principais ideias das três conferências realizadas no primeiro WEB Congresso Continental de Educadores, realizado totalmente on-line, nos dias 31 de janeiro, 01 e 02 de fevereiro de 2022 através dos canais de Youtube e de Facebook da OALA. Todos os encontros de educadores Agostinianos da América Latina foram realizados de forma presencial. Por causa da pandemia de COVID-19, o formato remoto foi a melhor opção que fizemos para

manter a proximidade entre os agostinianos e seus trabalhos educativos.

Ao longo desses três dias de encontro, as dezoito circunscrições da Ordem de Santo Agostinho (OSA) presentes na América Latina participaram das atividades que foram divididas em dois momentos. Na parte da manhã, realizou-se conferências sobre temáticas que auxiliaram na reflexão sobre a realidade da educação nos centros educativos agostinianos em tempos de pandemia. Na parte da tarde, os participantes do encontro estiveram nos grupos de trabalhos, onde trocaram experiências sobre a (re)organização dos trabalhos pedagógicos nos distintos países do Continente Americano.

Os participantes do encontro foram professores, diretores, coordenadores, religiosos e educadores sociais que se dedicam ao trabalho educacional organizado pelos Agostinianos através dos centros educativos, pagos e/ou gratuitos, espalhados por aproximadamente de 20 países da América Latina.

Apesar de termos perdido o componente da presencialidade com o primeiro WEB Congresso de Educadores, também tivemos alguns ganhos relevantes. O principal foi o alcance de um maior número de educadores que se envolveram na discussão sobre a educação agostiniana na América Latina. Entre os canais virtuais (Facebook e Youtube) foram registrados uma média de 250 participantes interagindo em tempo real nas atividades propostas ao longo dos três dias. E, após a realização do evento, notamos em torno de 690 visualizações de pessoas (até janeiro de 2023) que não puderam estar presente no encontro, mas que podem usufruir, de maneira constante, dos conteúdos produzidos pelos educadores.

Dessa forma, inferimos que o formato remoto, ou híbrido, de atividades é um dos legados que ganhamos com a pandemia de

COVID-19. Ao sermos obrigados a utilizar as Tecnologias Digitais de Informação e de Comunicação para exercer as práticas docentes, criamos espaços de aproximação entre os educadores e os educandos atendidos em nossos centros educativos agostinianos.

Dentro desse contexto, apresentamos este material como possibilidade de formação continuada para nossos educadores na América Latina. Por isso, disponibilizamos os textos da seguinte forma: (1) a conferência integral através do QR CODE que está disponível na página de rosto de cada texto; e, (2) a síntese da conferência, de forma escrita, aos interessados para que tenham um contato imediato sobre a temáticas e as suas principais considerações. A redação dos textos se apresenta de forma simples e coloquial, uma vez que tanto o vídeo quanto os textos se complementam e se ampliam no processo de formação continuada. Todos os textos estão escritos em Castellano e em Português, respeitando a diversidade de culturas presentes no trabalho pastoral desenvolvidos pelos Religiosos Agostinianos no Continente Latino Americano.

A proposta é para a utilização desses dois recursos (escrito e audiovisual) entre os diretores, coordenadores, professores e educadores dos centros educativos agostinianos como possibilidade de reunir os profissionais da educação a partir das temáticas deste Encontro Continental de Educadores Agostiniano. Ao mesmo tempo, oferecemos estes textos como possibilidade de uma avaliação sobre o quanto conseguimos avançar na nova realidade educacional que construímos a partir do COVID-19.

As três principais temáticas que versam esse material são as seguintes: a educação global e os desafios da pandemia de COVID-19; a espiritualidade agostiniana como desafio para os educadores; e, os conceitos de justiça e paz como prática solidária nos centros educativos agostinianos.

Na primeira temática, P. Alexander Lam Alania, Assistente Geral para América Latina, discute sobre a realidade sócio-histórica latino-americana, os desafios impostos pela pandemia e o pacto de educação global. Essa discussão se faz fundamental para que possamos pensar a organização das nossas práticas educativas em nossos centros educativos.

No segundo texto, P. Gioberty Calle Calle, Coordenador da área de espiritualidade de OALA, traz a narrativa sobre o itinerário espiritual construído pelos religiosos agostinianos e que se constitui como uma das metas para as suas atividades pastorais, inclusive para os centros educativos na América Latina.

E, o terceiro texto é resultado da conferência de P. Antônio Lózan Pun Lay, coordenador da Área de Justiça e Paz, e P. Arthur Vianna Ferreira, coordenador da Área de Educação de OALA. Os religiosos dialogam sobre a importância de entendermos os conceitos de justiça e paz, a partir de uma perspectiva agostiniana e como podemos desenvolvê-los dentro dos processos educativos dos nossos colégios e das realidades latino-americanas.

E por fim, com esse material encerramos mais uma etapa da Comissão de Educação da OALA (2019 - 2023). Enfrentamos grandes desafios com a situação da pandemia de COVID-19. Com esse e-book, essa comissão organizou 2 subsídios¹ com reflexões sobre Educação Agostiniana para serem utilizados juntos aos profissionais da educação dos nossos centros educativos.

A produção destes materiais ajuda na construção de uma linha de raciocínio sobre as atividades educacionais realizadas pelos Agostinianos Latino-americanos. Nesse período conseguimos manter a proximidade fundamental para construirmos certa unidade entre os

¹ O primeiro subsídio é o e-book (livro) intitulado “**Donde Hay unidad, hay comunidad: la educación agustiniana en América Latina**” lançado em 2020 pela editora Pimenta Cultural, Brasil. Esse livro pode ser baixado gratuitamente pelo link: <https://www.pimentacultural.com/livro/donde-hay-unidad>

diversos países do nosso continente. Dessa forma, podemos considerar que conseguimos ser eficazes na proposição de relações de ajuda mútua entre os Agostinianos para realizarmos nossas reflexões sobre o momento crítico que atravessamos nesses últimos dois anos.

É verdade... Todos os textos são datados...

Contudo, a responsabilidade de suas atualizações pertence a cada um daqueles que se acercam ao texto. Esse é convite desse material. A partir da sua organização apresentamos uma oportunidade de formação continuada para os educadores agostinianos da América Latina. E, uma possibilidade de atualização – e avaliação – das atividades que estão sendo realizadas nos centros educativos.

O conjunto desses textos se transformam em uma dinâmica formativa continuada que incluiu as diversas linguagens proporcionadas pelas Tecnologias Digitais de Informação e de Comunicação para os profissionais de educação que estão sob a responsabilidade do nosso apostolado educativo. Também queremos agradecer a colaboração de Fr. Pe. Antônio Rafael Magalhães da Cunha, da Província Agostiniana do Brasil, que nos auxiliou na transcrição dos textos que apresentamos nesse livro.

Oxalá, sigamos realizando espaços de encontros, presenciais e/ou remotos, que aproximem e promovam novas trocas de experiências. Assim como, diversas possibilidades de trabalhos conjuntos para uma educação agostiniana mais coerente com a realidade de nosso continente latino-americano.

CAPÍTULO 3

LA EDUCACIÓN AGUSTINIANA EN AMÉRICA LATINA: DESAFÍOS PARA EL APOSTOLADO EN TIEMPOS DE PANDEMIA

Fr. Pe. Alexander Lam Alania, OSA



https://www.youtube.com/watch?v=o31d7X7l_Ys&t=1552s

El presente artículo es una transcripción libre de la Conferencia “*La educación agustiniana en América Latina: desafíos para el apostolado en tiempos de pandemia*” impartida por el Asistente General para América Latina, Pe. Alexander Lam Alania. Ésta se realizó de manera virtual a través de videoconferencia (*Streamyard*) y fue transmitida por los canales de *YouTube* y *Facebook* de la OALA el 31 de enero de 2022 desde la Ciudad de Caracas, Venezuela.

Este material pretende promover la discusión en torno a la labor educativa agustiniana como apostolado de la Orden en América Latina y los desafíos que plantea el período del COVID-19. Por tanto, el texto que se presenta tiene las principales pistas que da el ponente para que el lector organice un debate sobre las principales características de la educación agustiniana y las consecuencias que trajo el período de la pandemia para el educador agustino.

Quienes lo deseen pueden acceder a esta conferencia leyendo, con la cámara de su celular, el Código QR que se encuentra en la página anterior debajo del título de este artículo/conferencia.

EL CAMBIO DE ÉPOCA Y LA FIGURA DEL PAPA FRANCISCO EN ESTE TIEMPO

El documento de Aparecida, 44 (2007) nos hace ver que ya en ese momento la Iglesia y la sociedad percibían con claridad que estamos viviendo un “cambio de época”. Este cambio tiene que ver con la forma cómo nos relacionamos, cuáles son nuestros valores principales o mayoritarios, la forma del nuestro lenguaje, los estilos de vida, los símbolos que usamos, nuestras expresiones culturales, nuestra forma de organización, etc. Esto lo sentimos también de forma particular entre los que son “nativos digitales” y los que no, y que por necesidad hemos ido aprendiendo a relacionarnos con internet. De hecho, los chicos, los “centennials”, o incluso los mismos bebés, saben usar la

tableta como si fuera un juguete de plástico más. Esta situación de cambio está originando efectivamente una nueva cultura y en ella juega también un papel ineludible la fe. Las experiencias y las búsquedas religiosas están cambiando, y ya no tienen que ver más solamente con el vínculo con una religión, sino con la vivencia de una espiritualidad mucho más abierta, menos formal o tradicional. Cada vez es más común encontrarnos con personas que buscan experiencias espirituales mixtas entre la religión tradicional o entre las distintas posibilidades de la “nueva era”, en las que sencillamente cada uno escoge aquello que quiere creer o practicar, o no.

En este cambio de época, con implicancias a nivel religioso, social, político, económico, y filosófico, entra la figura del Papa Francisco que está buscando traer en medio de nosotros definitivamente el espíritu del Concilio Vaticano II. Es interesante notar, por ejemplo, como él en la Bula de inauguración del Año Jubilar de la Misericordia hace referencia a la imagen bíblica del Buen Samaritano, icono que -ya en palabras del Papa Pablo VI- representa la espiritualidad del Vaticano II. La Iglesia está llamada a ser en el mundo como el Buen Samaritano; y es a esta imagen y a esta espiritualidad, que el Papa Francisco quisiera que la Iglesia entera regrese su mirada para entender y vivir su propio camino de santidad y de presencia en el mundo.

En esta misma línea, el Papa ha ido realizando gestos y tomando acciones concretas. Algunas muy significativas han sido: la Encíclica “*Laudato Si*” (2015); “*Fratelli Tutti*” (2020); la convocatoria al “*Pacto Global Educativo*” (2019) y su video mensaje (2020); así como la convocatoria al evento *La Economía de Francisco* (2020) y su video mensaje (2021). La Iglesia, en la voz del Papa Francisco, ha comprendido que en estos años y para responder a “los signos de los tiempos”, es fundamental mover a todos a una renovación de la educación y a dar una nueva “alma” a la economía.

Con motivo del “Pacto Global” se nos da esta reflexión “[...] *El COVID ha acelerado y amplificado muchas de las urgencias y emergencias que habíamos constatado, y ha manifestado muchas otras, a las dificultades sanitarias se sumaron después las económicas y sociales*”; se da la percepción de cómo se está organizando el mundo y la cultura y la necesidad de intervenir... “*El COVID ha hecho posible reconocer de forma global que lo que está en crisis es nuestro modo de entender la realidad y de relacionarnos*”.

Otro punto que llama la atención es cuando se dice que “*educar es siempre un acto de esperanza que invita a la coparticipación y a la transformación de la lógica estéril y paralizante de la indiferencia*”, o aún, “*creemos que la educación es una de las formas más efectivas de humanizar el mundo y la historia*”, y continúa diciendo que es “*un camino compartido, en el que no se permanezca indiferente ante el flagelo de la violencia y el maltrato*”. Se nos invita a una dinámica esperanzadora y a que seamos proactivos en ella. Se tiene conciencia pues de que es una exigencia de nuestra fe a realizar juntos.

En esta línea nos recuerda que “*necesitamos valentía para generar procesos que asuman conscientemente la fragmentación existente y [...] la audacia para recrear el tejido de las relaciones*”, y sigue, “*el valor de nuestras prácticas educativas no se medirá simplemente por haber superado pruebas estandarizadas, sino por la capacidad de incidir en el corazón de una sociedad y dar nacimiento a una nueva cultura*”, y finalmente, “*gozamos de un espacio de corresponsabilidad capaz de iniciar y generar nuevos procesos y transformaciones. Seamos parte activa en la rehabilitación y el auxilio de las sociedades heridas*”. El Papa entiende que la educación cumple una labor importantísima en la misión de la Iglesia como “*tienda de campaña*”.

En el contexto de La Economía de Francisco, el Papa dice que “*necesitamos más procesos circulares, para producir y no desperdiciar los*

recursos de nuestra Tierra, formas más equitativas de vender y distribuir los bienes, y conductas más responsables cuando consumimos. También es necesario un nuevo paradigma integral, capaz de formar a las nuevas generaciones de economistas y empresarios, respetando nuestra interconexión con la Tierra [...] a vosotros, jóvenes, os renuevo la tarea de poner la fraternidad en el centro de la economía”. Esta es una clara indicación que ilumina la dirección de la Iglesia en respuesta a la sociedad.

Ya en el contexto de América Latina, la impostación de la educación católica se ha hecho notar en los diferentes congresos realizados en esta parte del mundo. Los datos estadísticos utilizados nos ayudan a entender lo vivido en este tiempo de pandemia y los desafíos concretos que se nos han planteado. Según la UNICEF en noviembre de 2020, 7 meses después del inicio de la pandemia, el 97% de los estudiantes de Latinoamérica y el Caribe aún no asistían a la escuela. Como resultado, los elementos principales a afrontar son: (1) el problema y el factor de la brecha educativa, la diferencia entre las escuelas privadas y públicas, la diferencia dada por las desiguales posibilidades de acceso tecnológico; (2) el desgaste y la misión del maestro; (3) la educación, entendido como un acto de esperanza; (4) una necesaria educación con propósito y sello evangélico.

El primer elemento a tener en cuenta es la brecha educativa: Hemos sentido esto de forma muy variada en nuestros colegios, según nuestros propios recursos, y con distintas posibilidades y dificultades. Se ha buscado responder a la situación de no tener a los chicos en la escuela y de querer ofrecer una educación virtual impensable poco tiempo antes. Algunos de estos problemas han sido: la **desconexión tecnológica**, donde solamente el 52% tenía el equipamiento y ha podido conectarse para responder al trabajo a distancia; el uso de la pantalla ha llevado a la necesidad de una **reingeniería de la pedagogía**, porque es distinta la educación presencial que cuando la realizas a través de la

pantalla; todo esto ha exigido **una gran resiliencia** por el regreso a la presencialidad, ya que las desigualdades entre los estudiantes se han acrecentado o se han sumado a aquellas que ya podían existir entre los chicos en la escuela, un auténtico reto presente en nuestras escuelas.

Al ser la persona del maestro la más importante herramienta en la educación, el desgaste y la misión del maestro se presenta como un tema fundamental a atender. Un Congreso Educativo en Latinoamérica decía que más del 80% de los maestros testifican **desgaste emocional** (agobio y cansancio físico), han sentido la necesidad de multiplicarse, además del hecho de acompañar y educar en casa, con espacio reducido, etc. Se ha hecho palpable la importancia de la **vocación docente**. Ella no es solamente una tarea o un trabajo, sino más bien un verdadero llamado, una vocación. El maestro que crea comunidad, que celebra la vida, que educa en el encuentro, se configura como verdadero artesano de humanidad.

Peter Tabichi, que ganó el premio *“Global Teacher Prize”* en 2019 escribió: *“Si quieres hacer un cambio, necesitas tener paz, no puedes dar paz a otras personas si no la tienes en tu corazón. Y para eso, debes tener un encuentro personal con Jesús y eso te dará la conversión”*.

La Iglesia en medio de esta crisis siente que tiene una labor importante, una misión, y hay que hacerla con esperanza. Esto ha quedado muy en evidencia, como dice el texto del Papa: *“es una tarea ineludible de la Iglesia en el **desarrollo integral** de los jóvenes de diferentes realidades sociales y culturales”*, ya que *“la educación es espacio de **coparticipación y transformación de la lógica de la indiferencia a la lógica de la pertenencia común**”*. Esto se ha visto en todas las dificultades de acceso a la misma educación, con todas las dificultades de las vacunas, la prevención, la ayuda, etc.

La reflexión en América Latina va en línea de lo que el Papa propone como verdadera ayuda a cada uno de los estudiantes, a cada uno de los miembros de la comunidad educativa: encontrar el sentido, el propósito de la propia labor. *“Ayudar a los estudiantes a **visualizar su propósito**, cada grano de arena que damos es una contribución al mundo”*; y es que es importante que *“los alumnos puedan **vivir desde las enseñanzas de Jesús**, facilitar el diálogo interreligioso y la integración con las iglesias cristianas”*; que puedan tomar opciones de vida, decisiones prácticas sobre la vida. La reflexión latinoamericana nos invita a que *“nuestros estudios impliquen claridad en la visión del ser humano (antropología); objetivo y métodos (epistemología); tipos de bien buscado y riesgos (ética); sentido y razón del estudio (teleología)”*. Y todo esto aún más con la importancia que tienen las escuelas, de forma especial las latinoamericanas, con todas las diferencias e injusticias que vivimos entre nosotros.

¿QUÉ ES LO QUE LA ORDEN DE SAN AGUSTÍN ESPERA DESDE EL APOSTOLADO EDUCATIVO EN LATINO AMÉRICA?

El apostolado educativo de la Orden se inserta en el contexto del apostolado educativo de la Iglesia, desde la conciencia de vivir un patente cambio de época, desde la propuesta de trabajar con toda la humanidad un pacto global educativo; en la invitación también global a los economistas a tener una economía con alma, distinta y en la que el punto central sea la fraternidad. Es decir, una forma distinta de enfrentar la realidad y de relacionarnos, de usar nuestros bienes, de reciclar, de respetar; y como vimos en américa latina, enfrentando las dificultades de poder acceder a la educación, del reto de ayudar a tener en el corazón de cada uno de los estudiantes y de los miembros de la comunidad educativa, el propósito cristiano de su labor.

La Regla y constituciones da Orden y la *Gravissimum educationis*

La Orden promueve las instituciones educativas. En el número 161 de las Constituciones aparece: *“Puesto que es hermosa y de gran responsabilidad la vocación de todos los que aceptan la tarea educativa en las escuelas, y otros centros educativos, recordando además la aportación agustiniana en este campo, tengamos todos en gran estima el apostolado de la educación y considerémoslo como una de las misiones propias de nuestra Orden. Promuevan, pues, las circunscripciones la fundación de centros educativos para la formación de niños y jóvenes”*.

La Orden valora la educación, y aún más, recordando a San Agustín, busca ofrecer una que genere una formación afectiva en la unidad desde la caridad. Agustín y toda la escuela agustiniana desde los primeros siglos han ofrecido este su aporte carismático peculiar tanto en las universidades en las que ha trabajado o forjado, como en la educación en general y en los distintos niveles. El propósito es generar cultura, iluminando la realidad desde la fe y las enseñanzas y la teología de San Agustín. Esto mismo aparece literalmente en las Constituciones y documentos de la Orden, iluminando la forma de aportar, colaborar y servir a la realidad en la cual vivimos. En síntesis, la Orden quiere, promueve, y entiende como parte de su misión crear esas escuelas y centro educativos.

La Orden espera de sus instituciones educativas que sean una verdadera promoción de la persona humana a la luz de la fe y la espiritualidad agustiniana. Así dicen las Constituciones: *“[los alumnos reciban una] cultura humanística y científica, un conocimiento del mundo, la vida y el hombre, iluminada por la fe”* (162) – no son dos apartados distintos la ciencia y la fe, sino que se considera la integralidad del ser humano: un humanismo iluminado por la fe no en disociación sino

vivido en forma integral. Así dice la *Gravissimum Educationis* (Vat. II) “[ayudemos] en el desarrollo de la propia persona [de modo que] crezcan a un tiempo según la nueva criatura que han sido hechas por el bautismo” (GE 8); “ella (la Iglesia) busca, no en menor grado que las demás escuelas, los fines culturales y la formación humana de la juventud” (GE 8). Nuestras escuelas son una labor apostólica en sí mismas, pero a la par han de ofrecer la formación humana-científica como una unidad; y por fin “[la escuela católica es útil] para promover el diálogo entre la Iglesia y la sociedad humana en beneficio de ambas [...]” (GE 8).

¿Y QUÉ ES LO QUE LA ORDEN ESPERA, DESDE UN ESTILO PARTICULAR, DE CADA UNO DE NOSOTROS COMO EDUCADORES AGUSTINOS?

Los mismos documentos oficiales de la Iglesia y de la Orden nos ofrecen líneas guía de cómo entender y vivir nuestra pastoral educativa. Aquí unos textos esenciales:

1. “Su nota distintiva [la de las escuelas] es crear un ambiente comunitario escolástico, animado por el espíritu evangélico de libertad y de caridad” (GE 8). La Orden, en fidelidad a su vocación eclesial, acentúa y propone una espiritualidad católica y agustina: que en sus colegios se tenga una sola alma y un solo corazón, expectativa que vamos a buscar formar en el ámbito de la comunidad (la comunidad educativa);
2. “Unidos entre sí y con los alumnos por la caridad, y llenos del espíritu apostólico, den testimonio, tanto con su vida como con su doctrina, del único Maestro Cristo” (GE 8);
3. “Idónea formación depende del influjo comunitario y modelos personales” (Const. 164), La persona misma del educador es la gran herramienta educativa. Somos nosotros, es nuestra humanidad, el gran “sacramento” - instrumento de formación, y es que, como lo es para todo apostolado, también el educador lo es para la educación;
4. “La comunidad educativa, viva los valores del evangelio a la luz de la espiritualidad y pedagogía agustiniana” (Const. 163);

5. “Procurar un ambiente de amistosa armonía en la comunidad educativa y que trabajen con unidad de criterios en el desempeño de sus labores” (Const. 164). Así como en la familia queremos que los padres estén de acuerdo en la corrección y educación de sus hijos, de igual modo debe ser en nuestros colegios: la comunidad educativa agustiniana debe percibirse en armonía de unidad de criterios;
6. El papel fundamental de los líderes y maestros. Mucho depende de quien lidera una comunidad o grupo, una escuela o institución, el ambiente que se crea, la dinámica que se genera. Y es que quien lidera permea el ambiente de trabajo con un estilo propio, que se espera sea animado por un espíritu evangélico y agustino.
7. La Orden espera una presencia profesional, calificada, pero también pastoral. *“Recuerden los maestros que de ellos depende sobre todo el que la escuela católica pueda llevar a efecto sus propósitos y sus principios. Esfuércense con exquisita diligencia en conseguir la ciencia profana y religiosa avalada por los títulos convenientes y procuren prepararse debidamente en el arte de educar”*. (GE 8)

La Orden tiene conciencia del papel fundamental que cumplen cada uno de los maestros y de cómo deben prepararse a nivel científico, profesional y religioso para dar una formación integral iluminada: *“procuren estimular la actividad personal de los alumnos, y terminados los estudios, sigan atendiéndolos con sus consejos, con su amistad e incluso con la institución de asociaciones especiales, llenas de espíritu eclesial. El sagrado concilio declara que la función de estos maestros es verdadero apostolado, muy conveniente y necesario también en nuestros tiempos, constituyendo a la vez un verdadero servicio prestado a la sociedad”* (GE 8). Dar clases es un verdadero apostolado, una misión: *“formar y asociar profesores en aspectos agustinos espirituales y de la educación para una mejor y más eficaz formación de alumno”* (Const. 163), son desafíos que la Orden quiere y propone.

El desafío de una propuesta de educación al estilo agustiniano es ofrecer una educación integral, global y latinoamericana. El valor fundamental de los educadores (verdaderos líderes que generan cultura) nos hace ver cómo el gran instrumento de cambio somos no-

sotros mismos en la tan mencionada “cultura del encuentro”. Estas personas - instrumento de cambio, son una verdadera necesidad para generar una educación agustiniana. Por esto mismo, debemos evitar teorizaciones y proponer una síntesis que ayude a la aplicación. En este sentido, considero muy importante que se pueda generar en cada escuela, y con claridad, el perfil de la comunidad educativa. No hago referencia sólo al perfil de los alumnos, sino más bien a un perfil que identifique y movilice a toda la comunidad educativa, a toda la comunidad de aprendizaje.

La Conferencia Interamericana de Educación Católica (CIEC) hace pocos años proponía un perfil para la escuela católica latinoamericana e insistía en que cada escuela tenga su propio instrumento pedagógico porque: (a) Ofrece una síntesis de la visión antropológica de fondo; (b) Expresa la formación integral que se quiere ofrecer; (c) Es expresión de los valores propios de la institución; y (d) Incluye los elementos psicopedagógicos socioculturales y de gestión.

LAS PREGUNTAS QUE DEBEMOS HACER A NUESTRAS ESCUELAS AGUSTINIANAS.

Ofrecer una respuesta pedagógica que involucre los temas y situaciones que hemos ido apenas esbozando, requiere hacer concreta nuestra propuesta para este tiempo. Esto implica tomar decisiones, elegir y optar por los caminos pedagógicos que respondan mejor a nuestra identidad y misión. Por este motivo, creo fundamental que cada escuela o cada Circunscripción tenga elaborado su Proyecto educativo institucional. Un documento que considero fundamental para la claridad de la identidad, vida y misión de nuestras escuelas. En esta última parte de mi exposición, y basado en el estudio, trabajo y experiencia educativa de los hermanos de mi Provincia agustiniana

en Perú, me permito ofrecer algunas preguntas que puedan servirles para elaborarlo.

1. *¿Qué persona queremos formar?* – el fundamento filosófico teológico.

Con esta pregunta hago referencia a: ¿Cómo entendemos al hombre y las dimensiones que integralmente debemos formar? ¿Y nosotros cómo nos situamos frente a ellas? Es importante tener en cuenta las dimensiones de la voluntad, de las emociones, del intelecto, del cuerpo, del espíritu, de nuestro ser histórico, para iluminar la pedagogía que estamos usando.

2. *¿Cómo evangelizamos?* – como orientar nuestra evangelización.

De este modo hay que considerar: el anuncio del kerygma y la iniciación cristiana; la importancia del ambiente formativo que evangeliza por los mismos valores que vive (unidad por la fe); y la elaboración de un currículo que sea en sí mismo evangelizador (relación entre razón y fe). Y es que las mismas disciplinas o cursos pueden ser ocasión e instrumento para orientarnos en los valores evangélicos, a través de los valores transversales del currículo.

3. *¿Cómo tener un corazón inquieto?* –

Hay que tener claro el propósito en la vida (el por qué hacemos las cosas, el cómo, y el qué), en especial en este contexto de cambio de época, de crisis y de desigualdades. Es fundamental ayudar a que todos tengan claro el propósito de su vida; por tanto, el arte de provocar preguntas fundamentales y existenciales que involucren la forma con la que enfrentamos la vida; es decir saber meter en tensión y saber contener. Asumir las exigencias formativas actuales, implica meternos en la dinámica del corazón inquieto, dinámica de crisis y de

respuesta que involucra a todo el ser humano; una dinámica y una didáctica que ha de plasmar nuestros colegios, relaciones, grupo, clases.

4. *¿De qué manera educar y vivir la libertad sabiendo asumir la propia responsabilidad?*

Es innegable la importancia de asumir con realismo la propia vida, y de no echar la culpa a nadie de ella, de las propias decisiones y de los acontecimientos vividos. Nuestra experiencia educativa debe evitar la indiferencia y el egoísmo como actitud, poniendo conciencia y voluntad en generar relaciones auténticas y buscando involucrar a los miembros de la comunidad, no sólo con los retos exteriores, sino también con los de la propia vida, institución, ordenación, etc. Sólo conociendo y evitando las propias huidas, podremos ayudarnos en un proceso de desarrollo, de maduración, de crecimiento personal y comunitario.

5. *¿Qué valores nos identifican? (fundamento carismático-axiológico) -*

Con esta pregunta me refiero a no sólo cómo nos distinguimos, sino más bien a cómo se aplican y viven nuestros propios valores. Se ha plasmado en la Orden tres componentes básicos: CARITAS (por la libertad al Amor), UNITAS (por la amistad a la Comunidad), y VERITAS (por la interioridad a la Verdad). Es una síntesis que en muchos de nuestros colegios se ha extendido, y que está resultando también práctico.

6. *¿Cómo aprendemos estos valores? (formación personal).*

Si no sabemos cómo se aprenden, no sabremos cómo podemos proponerlos. En primer lugar, debemos tener en cuenta las formas de aprendizaje, sabiendo que no sólo transferimos información, sino que buscamos posibilitar su construcción o producción. Se aprende además por el ambiente: la cultura escolar con sus símbolos, lengua-

je, relatos, conceptos, convivencia, vínculos saludables; y en ella por excelencia la experiencia de unidad en la diversidad: en la que reconocemos que todos necesitamos crecer y que somos complementarios los unos de los otros. Eso tiene mucha relación con lo que la Iglesia espera en este tiempo y la sociedad está necesitando.

7. *¿Cómo aprendemos lo que tenemos que aprender?* (la pedagogía agustiniana) – El fundamento psicopedagógico.

Algunos elementos característicos a tener en cuenta son: La búsqueda de la Verdad; el diálogo en comunidad; la interioridad - reflexión; la experiencia personal; la educación por el amor; la inquietud del corazón; la integración de los distintos aprendizajes; lograr una síntesis – visión global; el considerar la acción de la libertad y de la gracia – la necesidad de vida de oración; la humanidad en sí misma.

8. *¿Qué sociedad queremos construir?* (fundamento socio-cultural).

Es decir, ¿tu colegio tiene clara su misión en la sociedad y qué quiere construir en ella? Es necesario para esto: ver la situación que nos rodea; identificar las competencias necesarias tanto para la vida futura de la familia, de la Iglesia, como del mundo laboral; y en esto mismo, la importancia de la solidaridad y del emprendimiento; la fuerza del ejemplo y de las situaciones reales: que pueden ser trabajadas en proyectos concretos.

9. *¿Cómo gestionamos el aprendizaje?* (La formación académica).

Los elementos que expresan nuestra identidad tienen que ver con: La integración del aprendizaje; trans e interdisciplinariedad; búsqueda de la Verdad: como indagación, probidad y ejercicio del diálogo (comunicación asertiva); trabajo en equipo y trabajo en comunión;

trascendencia e interioridad, reconocimiento del propósito, unidad de fe y razón; innovación: creatividad y emprendimiento.

10. *¿Cómo formamos personas saludables?* (La cultura física).

Muchas veces olvidada. Se debe recuperar la importancia de la salud: cuerpo y mente; y en ella la ecología integral; el uso de dietas y rutinas saludables; la actividad física y el equilibrio entre deporte formativo y competitivo; así como el saber procesar y equilibrar las emociones.

11. *¿Cómo gestionamos una comunidad educativa?* (fundamento de Gestión).

Se ha comprobado que el mayor trabajo y preocupaciones vienen de los conflictos humanos dentro de la misma comunidad educativa: los problemas entre los profesores, coordinadores, las familias, los alumnos. Por este motivo, es importante tener principios que transparenten el carisma y espiritualidad en la gestión, ya que nuestra forma de gestionar debe ser coherente con la espiritualidad, promoviendo una sana incorporación. Esto deja en evidencia la necesidad de identificar el tipo de liderazgo que promueva el perfil de la comunidad educativa porque su vivencia dependerá mucho de él. En este sentido los principios de gestión fundamentales pueden ser: Buscar la Verdad en comunidad; llevar una gestión centrada en la persona; tener la fraternidad como fundamento del clima institucional; ejercer un liderazgo de comunión al servicio de la comunidad; tener una visión compartida; ofrecer una comunicación bidireccional; aplicar el principio de subsidiariedad; así como el principio de excelencia.

Finalmente, al terminar estas preguntas, entendemos que los desafíos están puestos para ser discutidos y pensados por cada uno de los que nos dedicamos al apostolado educativo en la Orden de San Agustín, pero también para poder generar sinergias en proyectos co-

munes. Los documentos de la Iglesia y de la Orden, hasta ahora mencionados, son la base de nuestra discusión. Las preguntas son elementos que nos han de inquietar. Nos tocará a cada uno de nosotros, que estamos atravesando este período de pandemia, reflexionar, buscar y optar juntos por las estrategias más adecuadas para construir una comunidad educativa agustiniana que responda a las demandas de nuestros pueblos latinoamericanos, a las exigencias del mundo contemporáneo, que busque preservar el ecosistema y tenga la vida de los seres humanos como una prioridad a defender. Desde esta práctica ejercemos con ciencia y con amor nuestro apostolado educativo agustiniano.

CAPÍTULO 4

A EDUCAÇÃO AGOSTINIANA NA AMÉRICA LATINA: DESAFIOS PARA O APOSTOLADO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Fr. Pe. Alexander Lam Alania, OSA



(https://www.youtube.com/watch?v=o31d7X7l_Ys&t=1552s)

Este artigo é uma transcrição livre da Conferência “*A educação agostiniana na América Latina: desafios para o apostolado em tempos de pandemia*” proferida pelo Assistente Geral para a América Latina, Fr. Pe. Alex Lam Alania. Isso foi feito virtualmente por videoconferência (*Streamyard*) e foi transmitido nos canais Youtube e Facebook da OALA em 31 de janeiro de 2022 da cidade de Caracas, Venezuela.

Este material tem como objetivo promover a discussão em torno do trabalho educativo agostiniano como apostolado da Ordem na América Latina e os desafios colocados pelo período do COVID-19. Portanto, o texto apresentado conta com as principais pistas dadas pelo palestrante para que o leitor organize um debate sobre as principais características da educação agostiniana e as consequências que o período de pandemia trouxe para o educador agostiniano.

Quem desejar pode ver esta conferência pelo Canal do Youtube apontado, com a câmara do seu celular, o QR Code que se encontra na página anterior a esse artigo/conferência.

A MUDANÇA DE ÉPOCA E A FIGURA DO PAPA FRANCISCO NESTE MOMENTO

O documento de Aparecida, 44 (2007) nos faz ver que já naquele momento a Igreja e a sociedade percebiam claramente que estávamos vivendo uma “**mudança de tempo**”. Esta mudança tem a ver com a forma como nos relacionamos, quais são os nossos valores principais ou majoritários, a forma como falamos a nossa língua, estilos de vida, os símbolos que usamos, as nossas expressões culturais, a nossa organização, etc. Sentimos isso de forma particular também entre aqueles que são “nativos digitais” e os que não são, e que por necessidade vêm aprendendo a se relacionar com a Internet. De fato, os jovens, os “*milenium*”, ou mesmo os próprios bebês, sabem usar o

tablet como se fosse mais um brinquedo de plástico. Esta situação de mudança efetivamente dá origem a uma nova cultura e nela também a fé desempenha um papel incontornável. As vivências e buscas religiosas estão mudando, e não têm mais a ver apenas com o vínculo com uma religião, mas com a vivência de uma espiritualidade muito mais aberta, menos formal ou tradicional. É cada vez mais comum encontrar pessoas que buscam experiências espirituais mistas entre a religião tradicional ou entre as diversas possibilidades da “nova era”, em que cada um simplesmente escolhe o que quer acreditar ou praticar, ou não.

Nesta mudança de época, com implicações a nível religioso, social, político, económico e filosófico, entra a figura do Papa Francisco, que procura trazer definitivamente para o nosso meio o espírito do Concílio Vaticano II. É interessante notar, por exemplo, como na Bula de abertura do Ano Jubilar da Misericórdia se refere à imagem bíblica do Bom Samaritano, um ícone que - nas palavras do Papa Paulo VI - representa a espiritualidade do Vaticano II. A Igreja é chamada a estar no mundo como o bom samaritano. E é a esta imagem e a esta espiritualidade que o Papa Francisco gostaria que toda a Igreja voltasse o seu olhar para compreender e viver o seu próprio caminho de santidade e presença no mundo.

Na mesma linha, o Papa tem feito gestos e ações concretas. Algumas muito significativas foram: a Encíclica “*Laudato Si*” (2015); “*Fratelli Tutti*” (2020); a chamada para o “*Pacto Educacional Global*” (2019) e sua mensagem em vídeo (2020); bem como a chamada para o evento *A Economia de Francisco* (2020) e sua mensagem em vídeo (2021). A Igreja, na voz do Papa Francisco, entendeu que nestes anos e para responder aos “sinais dos tempos”, é fundamental levar todos a uma renovação da educação e dar uma nova “alma” à economia.

Por ocasião do “Global Compact” temos esta reflexão “[...] a COVID acelerou e amplificou muitas das urgências e emergências que tínhamos verificado, e manifestou muitas outras, dificuldades econômicas e sociais, que se juntaram depois às dificuldades de saúde”; há uma percepção de como o mundo e a cultura estão a ser organizados e a necessidade de intervir... “A COVID permitiu reconhecer globalmente que o que está em crise é a nossa forma de compreender a realidade e de nos relacionarmos”.

Outro ponto que chama a atenção é quando se diz que “a educação é sempre um ato de esperança que convida à coparticipação e à transformação da lógica estéril e paralisante da indiferença”, ou ainda, “acreditamos que a educação é uma das formas eficazes de humanizar o mundo e a história”, e continua dizendo que é “um caminho compartilhado, no qual não se fica indiferente ao flagelo da violência e dos maus tratos”. Somos convidados a uma dinâmica esperançosa e a sermos proativos nela. Estamos conscientes de que é uma exigência da nossa fé ser realizada em conjunto.

Nessa linha, lembra-nos que “precisamos de coragem para gerar processos que assumam conscientemente a fragmentação existente e [...] a audácia de recriar o tecido das relações”, e continua, “o valor das nossas práticas educativas não será medido simplesmente por ter superado testes padronizados, mas pela capacidade de influenciar o seio de uma sociedade e fazer nascer uma nova cultura”, e finalmente, “desfrutamos de um espaço de corresponsabilidade capaz de iniciar e gerar novos processos e transformações. Sejamos parte ativa na reabilitação e ajuda das sociedades feridas”. O Papa entende que a educação cumpre uma tarefa muito importante na missão da Igreja como “tenda”.

No contexto da economia de Francisco, o Papa diz que “precisamos de processos mais circulares, para produzir e não desperdiçar

os recursos da nossa Terra, formas mais equitativas de vender e distribuir os bens e comportamentos mais responsáveis na hora de consumir. É necessário também um novo paradigma integral, capaz de formar as novas gerações de economistas e empresários, respeitando nossa interligação com a Terra [...] a vocês, jovens, renovo a tarefa de colocar a fraternidade no centro da economia". Esta é uma indicação clara que ilumina a direção da Igreja em resposta à sociedade.

Já no contexto da América Latina, a imposição da educação católica foi constatada nos diversos congressos realizados nesta parte do mundo. Os dados estatísticos utilizados ajudam-nos a compreender o que temos vivido neste tempo de pandemia e os desafios concretos que nos foram colocados. Segundo o UNICEF, em novembro de 2020, 7 meses após o início da pandemia, 97% dos alunos da América Latina e do Caribe ainda não frequentavam a escola. Como resultado, os principais elementos a serem enfrentados são: (1) o problema e o fator da lacuna educacional, a diferença entre escolas privadas e públicas, a diferença dada pelas possibilidades desiguais de acesso tecnológico; (2) desgaste e missão do professor; (3) educação, entendida como ato de esperança; (4) uma educação necessária com propósito e cunho evangélico.

O primeiro elemento a refletir é sobre a lacuna educativa. Sentimo-la de forma muito variada nas nossas escolas, segundo os nossos próprios recursos, e com diferentes possibilidades e dificuldades. Tentou-se responder à situação de não ter filhos na escola e de querer oferecer uma educação virtual que era impensável até pouco tempo atrás. Alguns desses problemas foram: desconexão tecnológica, onde apenas 52% tinham o equipamento e conseguiram se conectar para responder ao trabalho remoto; O uso da tela tem levado à necessidade de uma reengenharia da pedagogia, porque a educação presencial é diferente de quando você faz pela tela; Tudo isto tem exigido

uma grande resiliência para o regresso ao presencial, uma vez que as desigualdades entre os alunos aumentaram ou juntaram-se às que já poderiam existir entre os rapazes na escola, um verdadeiro desafio presente nas nossas escolas.

Sendo a pessoa do professor o instrumento mais importante na educação, o desgaste e a missão do professor apresentam-se como uma questão fundamental a abordar. Um Congresso Educacional na América Latina disse que mais de 80% dos professores testemunham esgotamento emocional (esgotamento e cansaço físico), sentiram a necessidade de multiplicar, além de acompanhar e educar em casa, com espaço reduzido, etc. A importância da vocação docente tornou-se palpável. Não é apenas uma tarefa ou um trabalho, mas sim uma verdadeira vocação, uma vocação. O professor que cria comunidade, que celebra a vida, que educa no encontro, configura-se como um verdadeiro artesão da humanidade.

Peter Tabichi, que ganhou o Global Teacher Prize em 2019, escreveu: “Se você quer fazer uma mudança, precisa ter paz, não pode dar paz a outras pessoas se não a tiver em seu coração. E para isso, você deve ter um encontro pessoal com Jesus e isso lhe dará a conversão.”

Em meio a esta crise, a Igreja sente chamada a uma tarefa importante, a uma missão que deve ser realizada com esperança. Isso se tornou muito evidente, como diz o texto do Papa: “é uma tarefa incontornável da Igreja no desenvolvimento integral dos jovens de diferentes realidades sociais e culturais”, pois “a educação é um espaço de coparticipação e transformação da lógica de indiferença à lógica da pertença comum”. Isso tem-se verificado em todas as dificuldades de acesso ao mesmo ensino, com todas as dificuldades de vacinação, prevenção, ajuda, etc.

A reflexão na América Latina vai ao encontro daquilo que o Papa propõe como verdadeira ajuda a cada um dos alunos, a cada um dos membros da comunidade educativa: encontrar o sentido, a finalidade do próprio trabalho. “Ajudar o aluno a visualizar seu propósito, cada grão de areia que damos é uma contribuição para o mundo”; e é importante que “os alunos possam viver dos ensinamentos de Jesus, facilitar o diálogo inter-religioso e a integração com as igrejas cristãs”; que eles podem fazer escolhas de vida, decisões práticas sobre a vida. A reflexão latino-americana nos convida que “nossos estudos implicam clareza na visão do ser humano (antropologia); objetivo e métodos (epistemologia); tipos de bem procurado e riscos (ética); sentido e razão do estudo (teleologia)”. E tudo isso ainda mais com a importância que as escolas têm, principalmente as latino-americanas, com todas as diferenças e as injustiças que vivemos entre nós.

O QUE A ORDEM DE SANTO AGOSTINHO ESPERA DO APOSTOLADO EDUCATIVO NA AMÉRICA LATINA?

O apostolado educativo da Ordem insere-se no contexto do apostolado educativo da Igreja, desde a consciência de viver uma clara mudança dos tempos, desde a proposta de trabalhar com toda a humanidade um pacto educativo global; no convite também global aos economistas para que tenham uma economia com alma, diferente e em que o ponto central seja a fraternidade. Ou seja, uma forma diferente de encarar a realidade e de se relacionar, de usar os nossos bens, de reciclar, de respeitar; E como vimos na América Latina, enfrentando as dificuldades de acesso à educação, o desafio de ajudar a manter no coração de cada um dos alunos e membros da comunidade educativa o propósito cristão de seu trabalho.

A REGRA E AS CONSTITUIÇÕES DE ORDEM E O *GRAVISSIMUM EDUCATIONIS*

A Ordem promove o apostolado educativo e as instituições educativas como parte da vivência social na humanidade. No número 161 das Constituições aparece: “Sendo bela e de grande responsabilidade a vocação de todos os que aceitam a tarefa educativa nas escolas e outros centros educativos, recordando também a contribuição agostiniana neste campo, tenhamos todos em grande estima para o apostolado da educação e considerá-lo como uma das missões próprias da nossa Ordem. Portanto, as circunscrições devem promover a fundação de centros educativos para a formação de crianças e jovens”.

A Ordem valoriza a educação e, ainda mais, lembrando Santo Agostinho, procura oferecer uma que gere formação afetiva na unidade a partir da caridade. Agostinho e toda a escola agostiniana desde os primeiros séculos ofereceram esta peculiar contribuição carismática tanto nas universidades em que trabalhou ou forjou, como na educação em geral e nos diversos níveis. O objetivo é gerar cultura, iluminando a realidade a partir da fé e dos ensinamentos e teologia de Santo Agostinho. Isso mesmo aparece literalmente nas Constituições e nos documentos da Ordem, iluminando o modo de contribuir, colaborar e servir a realidade em que vivemos. Em suma, a Ordem quer, promove e entende como parte de sua missão a criação dessas escolas e centros educativos.

A Ordem espera que suas instituições educativas sejam uma verdadeira promoção da pessoa humana à luz da fé e da espiritualidade agostiniana. É o que dizem as Constituições: “[os alunos recebem uma] cultura humanista e científica, conhecimento do mundo, da vida e do homem, iluminados pela fé” (162) - ciência e fé não são duas seções diferentes, mas a integralidade do ser humano é considerado: um

humanismo iluminado pela fé, não dissociado, mas vivido de forma integral. Assim diz o Gravissimum Educationis (Vat. II) “[ajudemos] no desenvolvimento da própria pessoa [para que] ela cresça ao mesmo tempo segundo a nova criatura que foi feita pelo batismo” (GE 8); “Ela (a Igreja) procura, não menos que as outras escolas, os fins culturais e a formação humana da juventude” (GE 8). Nossas escolas são uma obra apostólica em si mesmas, mas ao mesmo tempo devem oferecer formação humano-científica como unidade; e finalmente “[a escola católica é útil] para promover o diálogo entre a Igreja e a sociedade humana em benefício de ambas [...]” (GE 8).

E O QUE A ORDEM ESPERA, DE UM ESTILO PARTICULAR, DE CADA UM DE NÓS COMO EDUCADORES AGOSTINIANOS?

Os mesmos documentos oficiais da Igreja e da Ordem nos oferecem orientações sobre como compreender e viver o nosso ministério educativo. Aqui estão alguns textos essenciais:

1. “A sua nota distintiva [das escolas] é criar um ambiente de comunidade escolar, animado pelo espírito evangélico de liberdade e caridade” (GE 8). A Ordem, em fidelidade à sua vocação eclesial, enfatiza e propõe uma espiritualidade católica e agostiniana: que nas suas escolas haja uma só alma e um só coração, expectativa que procuraremos formar na comunidade (a comunidade educativa);
2. “Unidos entre si e com os alunos pela caridade, e cheios de espírito apostólico, testemunham, tanto com a vida como com a doutrina, o único Mestre Cristo” (GE 8);
3. “A formação ideal depende da influência comunitária e dos modelos pessoais” (Const. 164). A pessoa do educador é o grande instrumento educativo. Somos nós, é a nossa humanidade, o grande “sacramento” - instrumento da formação, e é isso, como é para todo apostolado, assim é o educador para a educação;
4. “A comunidade educativa vive os valores do Evangelho à luz da espiritualidade e da pedagogia agostiniana” (Const.

163);

5. “Procurem na comunidade educativa um clima de amistosidade concórdia e que trabalhem com unidade de critérios no desempenho das suas tarefas” (Const. 164). Assim como na família queremos que os pais cheguem a um acordo sobre a correção e a educação dos filhos, assim também deve ser em nossas escolas: a comunidade educativa agostiniana deve perceber-se em harmonia de unidade de critérios;
6. O papel fundamental dos líderes e professores. Depende muito de quem lidera uma comunidade ou grupo, uma escola ou instituição, o ambiente que se cria e as dinâmicas que se geram. É quem lidera permeia o ambiente de trabalho com um estilo próprio, que se espera ser animado pelo espírito evangélico e agostiniano.
7. A Ordem espera uma presença profissional, qualificada, mas também pastoral. “Os professores devem lembrar-se de que depende sobretudo deles que a escola católica possa cumprir os seus propósitos e os seus princípios. Esforce-se com primorosa diligência para obter a ciência profana e religiosa avalizada pelos títulos apropriados e procure preparar-se adequadamente na arte de educar.” (GE 8)

A Ordem está ciente do papel fundamental que cada um dos professores desempenha e de como devem estar preparados a nível científico, profissional e religioso para dar uma formação integral esclarecida: “procure estimular a atividade pessoal dos alunos e, quando terminaram os estudos, continuam a atendê-los com os seus conselhos, com a sua amizade e até com a instituição de associações especiais, cheias de espírito eclesial. O sagrado conselho declara que a função desses professores é um verdadeiro apostolado, muito conveniente e necessário também em nossos tempos, constituindo ao mesmo tempo um verdadeiro serviço prestado à sociedade” (GE 8). Dar aulas é um verdadeiro apostolado, uma missão: “formar e associar professores na espiritualidade agostiniana e educar para uma melhor e mais eficaz formação dos alunos” (Const. 163), são desafios que a Ordem quer e propõe.

O desafio de uma proposta educativa de estilo agostiniano é oferecer uma educação integral, global e latino-americana. O valor fundamental dos educadores (verdadeiros líderes geradores de cultura) nos faz ver como o grande instrumento de mudança somos nós mesmos na chamada “cultura do encontro”. Essas pessoas, instrumentos de mudança, são uma necessidade real para gerar uma educação agostiniana. Por isso mesmo, devemos evitar teorizar e propor uma síntese que auxilie a aplicação. Nesse sentido, considero muito importante que o perfil da comunidade educativa possa ser claramente gerado em cada escola. Não me refiro apenas ao perfil dos alunos, mas sim a um perfil que identifica e mobiliza toda a comunidade educativa, toda a comunidade de aprendizagem.

A Conferência Interamericana de Educação Católica (CIEC) propôs há alguns anos um perfil para a escola católica latino-americana e insistiu em que cada escola tenha seu próprio instrumento pedagógico porque: (a) Oferece uma síntese da visão antropológica de fundo; (b) Expressa a formação integral que se deseja oferecer; (c) É uma expressão dos valores próprios da instituição; e (d) Inclui elementos psicopedagógicos socioculturais e de gestão.

AS PERGUNTAS QUE DEVEMOS FAZER ÀS NOSSAS ESCOLAS AGOSTINIANAS.

Oferecer uma resposta pedagógica que envolva os temas e situações que acabamos de esboçar exige concretizar nossa proposta para este tempo. Isto implica tomar decisões, escolher e optar pelos caminhos pedagógicos que melhor respondem à nossa identidade e missão. Por isso, creio ser fundamental que cada escola ou cada Circunscrição tenha elaborado o seu projeto educativo institucional. Um documento que considero essencial para a clareza da identidade, vida e missão das nossas escolas. Nesta última parte da minha exposição,

e com base no estudo, trabalho e experiência educativa dos irmãos da minha Província Agostiniana no Peru, permito-me propor algumas questões que podem ajudar a elaborá-la.

1. *Que pessoa queremos treinar?* – o fundamento teológico filosófico.

Com esta pergunta me refiro a: Como entendemos o homem e as dimensões que devemos formar integralmente? E como nos posicionamos diante deles? É importante levar em conta as dimensões da vontade, das emoções, do intelecto, do corpo, do espírito, do nosso ser histórico, para iluminar a pedagogia que estamos usando.

2. *Como evangelizamos?* – Como orientar a nossa evangelização

Assim é necessário considerar: o anúncio do querigma e a iniciação cristã; a importância do ambiente formativo que evangeliza pelos mesmos valores que vive (unidade pela fé); e a elaboração de um currículo que seja em si evangelizador (relação entre razão e fé). E é que as mesmas disciplinas ou cursos podem ser uma oportunidade e um instrumento para nos orientarmos nos valores evangélicos, através dos valores transversais do currículo.

3. *Como ter um coração inquieto?*

É preciso ter clareza sobre o propósito da vida (por que fazemos as coisas, como e o quê), especialmente neste contexto de mudança de tempos, crises e desigualdades. É essencial ajudar cada um a ter clareza sobre o propósito de sua vida. Portanto, a arte de provocar questões fundamentais e existenciais que envolvem a forma como encaramos a vida; ou seja, saber colocar tensão e saber conter. Assumir

as atuais exigências formativas implica entrar na dinâmica do coração inquieto, uma dinâmica de crise e resposta que envolve todo o ser humano; uma dinâmica e uma didática que tem que captar nossas escolas, relacionamentos, grupo, aulas.

4. *Como educar e viver a liberdade sabendo assumir a própria responsabilidade?*

É inegável a importância de aceitar a própria vida com realismo e de não culpar ninguém por ela, pelas próprias decisões e pelos acontecimentos vividos. Nossa experiência educativa deve evitar a indiferença e o egoísmo como atitude, pondo consciência e disposição para gerar relações autênticas e buscar envolver os membros da comunidade, não só com os desafios externos, mas também com os da própria vida, instituição, ordenamento. etc. Somente conhecendo e evitando nossas próprias fugas podemos nos ajudar em um processo de desenvolvimento, amadurecimento, crescimento pessoal e comunitário.

5. *Quais valores nos identificam? (Fundamento carismático-axiológico)*

Com esta pergunta, quero dizer não apenas como nos distinguimos, mas como nossos próprios valores são aplicados e vividos. Três componentes básicos foram incorporados na Ordem: CARITAS (pela liberdade para o Amor), UNITAS (pela amizade à Comunidade) e VERITAS (pela interioridade à Verdade). É uma síntese que se espalhou em muitas de nossas escolas e que também está se mostrando prática.

6. *Como aprendemos esses valores? (Formação pessoal)*

Se não soubermos como são aprendidos os valores, não saberemos como podemos trabalhá-los no cotidiano escolar. Em primeiro lugar, devemos levar em consideração as formas de aprendizagem, sabendo que não apenas transferimos informações, mas também buscamos possibilitar sua construção ou produção. Você também aprende pelo ambiente: cultura escolar com seus símbolos, linguagem, histórias, conceitos, convivência, vínculos saudáveis. Nela, por excelência, a experiência da unidade na diversidade se faz presente e na qual reconhecemos que todos precisamos crescer, sendo complementares uns aos outros. Isso tem muito a ver com o que a Igreja espera neste momento e a sociedade está precisando

7. *Como aprendemos o que temos que aprender?* (Pedagogia agostiniana) - A fundamentação psicopedagógica.

Alguns elementos característicos que devemos ter claro em nossa reflexão são: a procura pela Verdade; o diálogo comunitário; a interioridade - reflexão; a experiência pessoal; a educação para o amor; a inquietação do coração; a integração de diferentes aprendizagens; a visão global; a ação da liberdade e da graça; a necessidade de uma vida de oração; e, por fim, a própria humanidade.

8. *Que sociedade queremos construir?* (Fundação sociocultural).

Em outras palavras, sua escola tem clareza sobre sua missão na sociedade e o que deseja construir nela? É necessário para isso: ver a situação ao nosso redor; identificar as competências necessárias para a vida futura da família, da Igreja e do mundo do trabalho. Em especial, neste mesmo, devemos entender a importância da solidariedade e do empreendedorismo; a força do exemplo e das situações reais para a construção de projetos concretos junto as nossas instituições educacionais.

9. *Como gerimos a aprendizagem?* (Formação acadêmica).

Os elementos que expressam a nossa identidade estão unidos as seguintes características: a integração da aprendizagem; a trans e interdisciplinaridade; a busca da Verdade; a indagação e o exercício do diálogo (comunicação assertiva); o trabalho em equipe e o trabalho comunitário; a transcendência e a interioridade, o reconhecimento do propósito; a unidade de fé e razão; a inovação; a criatividade e o empreendedorismo.

10. *Como formamos pessoas saudáveis?* (Cultura física).

Essa realidade é muitas vezes esquecida. A importância da saúde deve ser resgatada: corpo e mente. E outros pontos relevantes como a ecologia integral; o uso de dietas e rotinas saudáveis; as atividades físicas e o equilíbrio entre esportes formativos e competitivos, bem como saber processar e equilibrar as emoções.

11. *Como gerimos uma comunidade educativa?* (Os fundamentos da gestão).

Está provado que os maiores trabalhos e preocupações vêm dos conflitos humanos dentro de uma mesma comunidade educativa: problemas entre professores, coordenadores, famílias, alunos. Por isso, é importante ter princípios que tornem transparente o carisma e a espiritualidade da gestão, pois nossa forma de gerir deve ser coerente com a espiritualidade, promovendo uma sadia incorporação. Isso evidencia a necessidade de identificar o tipo de liderança que promova o perfil da comunidade educativa, pois disso dependerá muito sua experiência.

Nesse sentido, os princípios fundamentais de gestão podem ser: Buscar a Verdade na comunidade; realizar uma gestão centrada

na pessoa; ter a fraternidade como fundamento do clima institucional; exercer liderança de comunhão a serviço da comunidade; ter uma visão compartilhada; oferecer comunicação bidirecional; aplicar o princípio da subsidiariedade e o princípio da excelência.

Por fim, ao finalizarmos estas questões, entendemos que os desafios se colocam para serem discutidos e pensados por cada um de nós que nos dedicamos ao apostolado educativo na Ordem de Santo Agostinho, mas também para podermos gerar sinergias em projetos comuns.

Os documentos da Igreja e da Ordem, até agora mencionados, são a base da nossa discussão. As perguntas são elementos que devem nos preocupar. Caberá a cada um de nós, que atravessamos este período de pandemia, refletir, buscar e optar juntos pelas estratégias mais adequadas para construir uma comunidade educativa agostiniana que responda às demandas de nossos povos latino-americanos e às demandas do mundo contemporâneo que busca preservar o ecossistema e defender a vida do ser humano. A partir dessas práticas exercemos com inteligência e com amor nosso apostolado educativo agostiniano.

CAPÍTULO 5

EL ITINERARIO ESPIRITUAL AGUSTINIANO COMO EXPERIENCIA EDUCATIVA

Fr. P. Gioberty Calle Calle, OSA



(<https://www.youtube.com/watch?v=SfurQhONP-Y&t=414s>)

El presente artículo es una transcripción libre de la Conferencia “*El itinerario espiritual agustiniano como experiencia educativa*” realizada por el Coordinador del Área de Espiritualidad, Fr. P. Gioberty Calle Calle, OSA. Esto se llevó a cabo de manera virtual a través de videoconferencia (*Streamyard*) y fue transmitido por los canales de *YouTube* y *Facebook* de OALA el 01 de febrero de 2022, desde Morropón, Perú.

Este material pretende mostrar el trabajo de construcción de un itinerario espiritual para los religiosos en América Latina, y que se presenta, como inspiración para el trabajo pastoral en las escuelas, especialmente desde la pandemia. Así, el lector puede organizar un debate sobre los puntos principales de una espiritualidad agustiniana para la pastoral escolar según los nuevos desafíos que han surgido desde la instalación del COVID-19.

Quienes lo deseen pueden acceder a esta conferencia completa en el Canal de *YouTube*, apuntando con la cámara del celular, el Código QR que se encuentra en la página anterior de este artículo/conferencia.

“La palabra feliz, o bienaventurado, pasa a ser sinónimo de santo, porque expresa que la persona es fiel a Dios e vive su palabra, alcanza en la entrega de sí la verdadera dicha.” (Exhortación Gaudete et Exultate, 64).

El Señor en la historia de la salvación ha salvado un pueblo. No existe identidad plena sin pertenencia a un pueblo. Por eso nadie se salva solo como un individuo aislado. Dios nos atrae tomando en cuenta la trama de las relaciones interpersonales que se establece en la

comunidad humana. Dios quiso entrar en una dinámica popular en la dinámica de un pueblo. (Exhortación Gaudete et Exultate, 6).

Nuestro padre San Agustín nos recuerda en el sermón 17, 2: “*No quiero salvarme sin ustedes*”. En el marco de esta reflexión necesariamente está la *sinodalidad* que celebra la iglesia. Y recordamos que la sinodalidad no es una moda, pero una exigencia como es la vida cristiana. Es una actitud de vida dispuesta a la verdad y a la belleza de Dios.

La intimidad y la relación con Dios y el servicio, y relación, con el prójimo es el camino comunitario de santidad. Nuestra vocación es la santidad. Utilizando la metodología del *ver, juzgar y actuar*, vamos a recordar cosas que seguro lo conocen y que son importantes para nuestra reflexión.

VER

Han pasado dos años de la pandemia COVID19 y sus variantes. Sabíamos que cuidándonos estábamos cuidando a los demás, especialmente a los más vulnerables. Hemos caminado ante la incertidumbre y miedo delante de la amenaza de la enfermedad y la muerte. Aprendemos a poner nuestras vidas en las manos de Dios. ¡Cuánto hemos rezado!

Podemos decir que no existe nadie que no haya perdido a un familiar o a un amigo por el virus. Esa realidad nos ha causado mucho dolor. Vivimos estresados, agobiados por el encierro, cansados del distanciamiento, del uso de mascarillas, protectores faciales, etc. Hemos experimentado mucha impotencia delante de la enfermedad, del dolor, de la muerte y de la corrupción de nuestras autoridades. Experimentamos la necesidad de la ternura, de la empatía, de un mundo

más humano y de personas cercanas con una actitud evangélica, agustiniana y sinodal.

Vivimos en una *cultura líquida*. Sigmund Baumann, sociólogo, filósofo, y ensayista británico, es uno de los pensadores que pudo definir el presente con mayor precisión. Su concepto más conocido es el de *modernidad líquida*. Parecería que ahora, más que nunca, vivimos en una sociedad líquida. La modernidad líquida, según él, es la manera de referirse a la sociedad, el amor y los contextos líquidos que actualmente vivimos. Es decir, este momento de la historia, en que las realidades sólidas de nuestros abuelos como el trabajo, el patrimonio, el amor para toda la vida, el compromiso, el sacrificio, la austeridad, la autoridad y el respeto se han desvanecido. Ahora las certezas de este tipo son muy difíciles de encontrar. A las que las personas acceden es más bien precario, provisional y, muchas veces, agotador.

En los tiempos que vivimos actualmente, muchas cosas han cambiado su forma y todos nos hemos tenido que adaptar a nuevos estilos de vida. No cabe duda que la pandemia por el coronavirus ha provocado que todos nos ajustemos a un presente que cambia constantemente. Todo cambia tan rápido que mucha gente no encuentra su lugar. Además, el pensador creía que este ambiente hacía que las personas tuviesen dificultad para definir su identidad y encontrar sus verdaderas pasiones. Esa realidad dificulta las personas a cambiar su realidad presente y mejorar su situación, pero ellas no sabían cómo hacerlo porque nada era estable y fácil de delimitar.

A lo largo de la historia muchas instituciones y estructuras sociales se mantuvieron intactas e incuestionables. Ahí entra la Iglesia, donde los valores más relevantes se asociaban a la estabilidad, la unión y la tradición. Pero en nuestro tiempo actual estos valores y estructuras se han disuelto dando lugar a la modernidad líquida.

En verdad, la modernidad líquida es una categoría sociológica que sirve para definir el estado actual de nuestra sociedad. Baumann la define como una figura de cambio constante y transitoria, atada a factores educativos, culturales y económicos. La metáfora de la liquidez intenta demostrar la inconsistencia de las relaciones humanas en diferentes ámbitos, como el afectivo y el laboral. Las redes sociales juegan su parte en ello, ya que nos permite conectarnos con todos. Pero a la vez, muchas veces nos desconectamos de lo que realmente deseamos. Un *'clic'* puede representar un muro o un puente en las relaciones humanas.

La sociedad líquida está en un cambio constante. Eso permite un sentimiento de angustia existencial que parece no haber sentido cuando se trata de construir nuevas cosas, ya que el tiempo, y la propia modernidad, proporcionará su desintegración. Así, como raza humana estamos navegando en los mares de la incertidumbre, sin saber cómo estará nuestra vida en el futuro muy cercano. ¿Cómo estará la economía mañana? ¿Contaremos con un trabajo? ¿Formaremos una familia? ¿Será que todas las cosas no llegarán pronto a desaparecer? No lo sabemos...

Experimentamos una enorme crisis de autoridad. Nadie quiere obedecer a nadie y todos tenemos la razón y la verdad. Somos expertos *'opinólogos'*. Tenemos dificultad en asumir compromisos serios. En verdad, es que no estamos escuchando con un corazón manso y humilde (Mateos 11,28) el Jesús del evangelio que sigue deseando hablar con nosotros. Escuchemos ese corazón reconciliado que ha superado el resentimiento y la victimización, descartando el maltrato, la violencia y la indiferencia.

Y, por fin, experimentamos relaciones llenas de relativismo y de sincretismo donde el consumismo y el hedonismo (placer por lo placer) son nuestros principales canales de información con respecto a

nuestra manera de actuar en el mundo. Carecemos de formación humana para vivir como hijos de Dios en esa sociedad líquida.

JUZGAR

El valor de la comunidad y la comunión de vida son dos valores importantes en este tiempo de pandemia. En verdad, la comunidad es el elemento más importante dentro del estilo de vida agustiniano. Un agustino es una persona de comunión, o sea, vive y promueve la comunión. La comunidad es el eje en que vive la comunidad y gira la vida religiosa agustiniana. La comunidad de hermanos es caracterizada por *los sujetos que viven unánimes en la casa teniendo una sola alma y un solo corazón y, buscando juntos a Dios, están dispuestos al servicio a la Iglesia* (Constituciones de la Orden de San Agustín 2, 26). Desde esa realidad el mundo conocerá que hemos adelantado en la perfección: cuiden más de lo que es común, que lo que es propio, así como es mejor necesitar menos que tener mucho. Esos son los puntos principales que tenemos puesto en el tercer capítulo de la Regla de San Agustín.

¿Cuál es la expectativa, el ideal de nuestra vida en la comunidad? Ser personas de buen trato. *“Que el Señor los conceda, observar todo esto movidos por la caridad como enamorados de la belleza espiritual e inflamados por el buen olor de Cristo que emana de su buen trato”* (Regla de San Agustín 8, 48). Lo importante es vivir conscientes de que nos tratar bien. La importancia del saber comprender, aunque no estemos de acuerdo con el modo, es saber ponernos en los zapatos del otro. La persona es un ser en relación, lo sabemos bien, y desde nuestras relaciones llegamos a ser mejores personas. Además, la teología es la relación con Dios, con el otro, con la creación y con mi mundo interior. Seremos mejores personas – más humanas, más de Dios y mejores cristianos – cuanto mejor aprendamos a relacionarnos unos con otros.

Mientras más nos conocemos, más conoceremos al prójimo y a Dios: esta dinámica siempre es constante.

El valor de la oración, de la interioridad, está en la Regla 2,10 en que San Agustín nos dice: *“perseveren en las oraciones fijadas para las horas y tiempos de cada día”*. Es decir, no podemos dejar a lo último espacio a la oración. Es importante marcar tiempos. El valor de la interioridad es ser personas de profundidad y no superficiales, personas que no solo miramos con los ojos sino también con el corazón. Es necesario que cada cual trabaje cuidadosamente en la renovación del hombre interior, porque *“quien te hizo sin ti, no te justifica sin ti”* (San Agustín). En otras palabras, no te salvará sin ti. Esta renovación comienza por la gracia del bautismo, por la que, al revestirnos del hombre nuevo, también nos revestimos de Cristo y por medio de la fe que nos hacemos hijos de Dios.

El valor de la humildad dentro de la comunidad y de las relaciones interpersonales es uno de los puntos principales de la vida común agustiniana.

“‘Grande es nuestro Señor, todo lo puede, nadie puede medir su inteligencia’ (Salmo 147,5) y se atreve a alabarte el ser humano, parte insignificante de tu creación, precisamente el ser humano que lleva alrededor suyo la mortalidad, que lleva a la flor de piel la marca de su pecado y el testimonio de que tu resiste a los orgullosos (I Pedro 5,5), sin embargo, atreve a alabarte un hombre parte insignificante de tu creación, y tú mismo es quien le estimulas para que encuentre deleite en alabarte porque nos has creado orientado hacia a ti y nuestro corazón está inquieto estará inquieto hasta que descanse en ti.” (Confesiones I, 1).

¡Qué increíble! ¿Por qué complicamos la vida cuando tenemos aires de grandeza o buscamos alabanzas? Todo se nos complica. *“La soberbia, sin embargo, se insinúa en las buenas obras para que perezcan.”* (Regla 1, 8). La importancia de la humildad se insinúa en las buenas obras, porque la soberbia es el pecado que se alimenta de virtud y hacen caer y perder crédito las obras cuando está detrás.

Volvemos al valor de la ternura. La grandeza de una sociedad, de una institución, de una familia, es la capacidad de reconocerse los unos en los otros. ¡Cuanto la pandemia nos ha enseñado! Como los padres de familia a tener su primer bebe están atentos a los rasgos de su hijo, y se reconocen inmediatamente en ello, Dios no quiere perdernos de vista.

En la carta apostólica *“Patris Corde”* del Papa Francisco, San José es presentado como padre de ternura: *“La ternura es lo mejor modo para tocar lo que es frágil en nosotros, el dedo que señala y lo juicio que hacemos de los demás son a menudo un signo de nuestra incapacidad para aceptar nuestra propia debilidad, nuestra propia fragilidad. Sólo la ternura nos salvará de la obra del acusador...”* Que aprendamos a mirar nuestra propia fragilidad en la fragilidad de los demás.

San José vio a Jesús progresar día tras día en sabiduría, en estatura y en gracia de Dios y de los hombres. Como hizo el Señor con Israel, así José hizo al Señor caminar y lo tomó en sus brazos. Era para él como un padre que alza a un niño hasta sus mejillas y se inclina hacia él para darle de comer. Jesús vio la ternura de Dios en José, su padre adoptivo. Como el padre siente ternura a sus hijos, así el Señor siente ternura hacia aquello que lo teme. En la sinagoga, durante las oraciones de los sábados, José ciertamente habrá oído que el Dios de Israel es un Dios de ternura, que es bueno para todos y que su ternura alcanza toda la creación.

La historia de la salvación se cumple a través de nuestras debilidades. Muchas veces pensamos que Dios se va solo en la parte buena y vencedora de nosotros, cuando en realidad la mayoría de sus designios se van a través y a pesar de nuestra debilidad. Esto es lo que hace que San Pablo diga: para que no me engría tengo una espina clavada en el cuerpo, un emisario de satanás que me golpea, para que no me engría, le he pedido al Señor que la aparte de mí. Y, Él me ha

dicho te basta mi gracia, porque mí poder se manifiesta plenamente en la debilidad. Si esta es la perspectiva de la economía de la salvación, debemos aprender a aceptar nuestra debilidad con intensa ternura.

El maligno nos hace mirar nuestra fragilidad con un juicio negativo mientras el Espíritu la saca a la luz con ternura. Ella es la mejor manera para tocar lo que es frágil en nosotros. El dedo que señala el juicio que hacemos de los demás es un signo de la nuestra incapacidad en aceptar nuestra propia debilidad, nuestra propia fragilidad. Sólo la ternura nos libraré de la obra del acusador. Por esta razón es importante encontrarnos con la misericordia de Dios, especialmente en el sacramento de la reconciliación teniendo una verdadera experiencia de ternura: si más grande son las culpas, mayor es la bondad del Señor.

Paradójicamente incluso el maligno puede decirnos la verdad, pero se lo hace es para condenarnos. Sabemos sin embargo que la verdad que viene de Dios no nos condena, sino que nos acoge, nos abraza, nos sostiene y nos perdona. La verdad siempre se nos presenta como el padre misericordioso de la parábola. Viene a nuestro encuentro, nos devuelve la dignidad, nos pone nuevamente de pie. Celebra con nosotros porque 'mi hijo estaba muerto y ha vuelto a la vida, estaba perdido y ha sido encontrado'.

También a través de la angustia de José pasa la voluntad de Dios. Así, José nos enseña que hay que tener fe en Dios, incluso a creer que Dios actúa incluso a través de nuestros miedos, de nuestras fragilidades y de nuestra debilidad. Él enseña que en medio de las tormentas de la vida no debemos de tener miedo de ceder a Dios el timón de nuestra barca. A veces nosotros queremos tener todo bajo el control, pero Él tiene siempre una mirada más amplia.

ACTUAR

En el Documento de Aparecida podemos ver que somos discípulos y misioneros de Cristo para que en Él todo el mundo tenga vida. Esta reflexión aquí propuesta debe ser parte de un todo, de un itinerario de conversión y de servicio a Jesús en los hermanos, conscientes de que somos compañeros de camino.

El texto dice *“nos comprometemos a trabajar para que nuestra Iglesia latinoamericana y caribeña siga siendo con mayor ahínco compañera de camino de nuestros hermanos más pobres, incluso hasta el martirio.”* (Aparecida, 396). Es para nosotros, los agustinos, especialmente para las instituciones educativas, lo que Aparecida plantea sobre la necesidad de conversión pastoral y renovación misionera de las comunidades.

A partir del documento de Aparecida (365ss) son cuatro exigencias básicas: (1) aceptar la necesidad de cambiar entrando en un proceso de conversión y renovación, superando la rutina y enfrentando los nuevos desafíos; (2) promover la espiritualidad, comunión y participación en todo lo que ellos suponen en todos los niveles; (3) pasar de una pastoral de mera conservación a una pastoral misionera que la Iglesia se manifiesta como una madre que sale al encuentro, una casa acogedora, una escuela permanente de comunión misionera; y, (4) elaborar un proyecto de pastoral orgánica y de conjunto, camino necesario para la renovación desde nuestras instituciones educativas.

La misión y la evangelización son partes importantes de nuestro proceso educativo. Somos la Iglesia de las puertas abiertas. Pueden haberse cerrado las puertas físicas de nuestros templos durante la pandemia. Pero nunca se ha cerrado las puertas del corazón de la Iglesia que es madre que acoge. Estamos llamados a acercarnos a las periferias existenciales y geográficas, semejantes y distintas a las nuestras circunscripciones.

La misión de los discípulos es para el servicio de la vida plena. La Iglesia es misionera por naturaleza porque toma su origen de la misión del Hijo y del Espíritu Santo, según el designio del Padre. Por eso, el impulso misionero es fruto necesario de la vida que la Trinidad comunica a los discípulos (Aparecida 347).

Somos Agustinos: misioneros y evangelizadores. Estamos invitados a una nueva etapa evangelizadora marcada por la alegría que nace y renace en Jesucristo como dice en *Evangelii Gaudium*, 1. No perdamos el entusiasmo de enunciar y anunciar el evangelio. Estamos llamados a ser evangelizadores con espíritu a veces perdemos el entusiasmo por la misión al olvidar que el evangelio responde a las necesidades más profundas de las personas. ¡Qué bien nos hace mirar a Jesús cercano a todos! Estoy obligado a hacerlo, y pobre de mí se no proclamo el evangelio como habla San Pablo.

Cada uno de nosotros, somos miembros de nuestras queridas instituciones educativas y tenemos una riqueza carismática y espiritual muy valiosa. Somos Misioneros por esencia, compartimos la misma consagración a Cristo por el bautismo, en el contexto de cada Iglesia particular de nuestra América Latina y el Caribe. Estamos llamados a preguntar delante del Señor y al pueblo de Dios, o sea, a las familias a las que servimos: ¿qué modelo ideal de pastoral educativa agustiniana tenemos y queremos? ¿Cuál es la razón de ser de mi institución en el apostolado educativo? Respondiendo con honestidad estaremos en el camino que Dios quiere para nuestras vidas de auténticos educadores.

Somos evangelizadores que se dejan evangelizar todos los días. Oremos y trabajemos para renovar el entusiasmo por la misión.

Finalmente, el educador agustiniano debe tener en cuenta cinco preguntas importantes para pensar en la labor educativa desde la espiritualidad agustiniana.

1 ¿Cómo están mis relaciones interpersonales dentro de la institución educativa?

2 ¿Me propongo a hacer vida la espiritualidad agustiniana que es luz para mi vida y mis proyectos educativos?

3 ¿Cómo me muestro y me reconozco en el hermano con quien trabajo y en las familias a las que sirvo mediante los estudiantes?

4 ¿Qué valor de mi vida cristiana agustiniana siento que debo trabajar más en mi día a día?

5 ¿Cómo está mi compromiso misionero y de evangelización en mi institución educativa y en mi comunidad cristiana a la que pertenezco?

Gracias por la atención de todos.

CAPÍTULO 6

O ITINERÁRIO ESPIRITUAL AGOSTINIANO COMO EXPERIÊNCIA EDUCATIVA

Fr. P. Gioberty Calle Calle, OSA



(<https://www.youtube.com/watch?v=SfurQhONP-Y&t=414s>)

Este artigo é uma transcrição livre da Conferência “*O itinerário espiritual agostiniano como experiência educativa*” realizada pelo Coordenador da Área de Espiritualidade, Fr. Pe. Gioberty Calle Calle, OSA. Isso foi realizado virtualmente por videoconferência (*Streamyard*) e foi transmitido nos canais da OALA no *YouTube* e no *Facebook* em 31 de janeiro de 2022 de Morropón, Peru.

Este material tem como objetivo mostrar o trabalho de construção de um itinerário espiritual para religiosos da América Latina, e que se apresenta como inspiração para a pastoral escolar, principalmente desde a pandemia. Assim, o leitor poderá organizar um debate sobre os principais pontos de uma espiritualidade agostiniana para a pastoral escolar de acordo com os novos desafios que se apresentam desde a instalação da COVID-19.

Quem quiser pode acessar esta conferência completa no Canal do *YouTube*, apontando a câmera do celular para o QR Code que se encontra na página anterior deste artigo/conferência.

“A palavra feliz, ou bem aventurado, torna-se sinônimo de santo, porque expressa que a pessoa é fiel a Deus e vive a sua palavra, alcançando a verdadeira felicidade na alegria”

(Exortação Gaudete et Exultate, 64).

O Senhor na história da salvação salvou um povo. Não há identidade plena sem pertencimento a um povo. Por isso ninguém se salva sozinho como indivíduo isolado. Deus nos atrai levando em conta a teia de relações interpessoais que se estabelece na comunidade humana. Deus quis participar de uma dinâmica popular, na dinâmica de um povo específico. (Exortação Gaudete et Exultate, 6).

Nosso pai Santo Agostinho nos lembra no sermão 17, 2: “*Não quero me salvar sem você*”. No âmbito desta reflexão está necessariamente a **sinodalidade** que a Igreja celebra nesses tempos. Faz-se importante lembramos que a sinodalidade não é uma moda é uma exigência como a vida cristã. Ela é uma atitude de vida relacionada com a a verdade e a beleza de Deus.

A intimidade e relação com Deus e o serviço, em sua relação com o próximo, se constituem no caminho comunitário da santidade. Nossa vocação é a santidade. Assim, usando a metodologia *ver, julgar e agir*, recordaremos pontos que certamente todos já sabem, contudo se fazem importante em nossa reflexão.

VER

Dois anos se passaram desde a pandemia do COVID19 e suas variantes. Sabíamos que cuidando de nós estávamos cuidando um dos outros principalmente dos mais vulneráveis. Caminhamos diante da incerteza, do medo da doença e diante da morte. Aprendemos a colocar as nossas vidas nas mãos de Deus. Desde então, quanto temos orado!

A esta altura podemos dizer que não há quem não tenha perdido um familiar ou amigo para o vírus. Isso tem nos causado muita dor. Vivemos estressados, sobrecarregados pelo confinamento, cansados do distanciamento, do uso de máscaras, protetores faciais, etc. Experimentamos a nossa impotência diante da doença, da dor, da morte e da corrupção de nossas autoridades. Temos a necessidade da ternura, a necessidade da empatia, a necessidade de um mundo mais humano y de pessoas próximas que tenham uma atitude evangélica, agostiniana e, por que não dizer, sinodal.

Vivemos em uma *cultura líquida*. Sigmund Baumann, sociólogo, filósofo e ensaísta britânico, é um dos pensadores que conseguiu definir a realidade presente de forma mais precisa. Seu conceito mais conhecido é o de *modernidade líquida*. Parece que agora, mais do que nunca, vivemos em uma sociedade líquida. A modernidade líquida, segundo ele, é uma forma de nos referirmos à sociedade, ao amor e aos contextos líquidos atuais. Neste momento da história se desvaneceram as realidades sólidas dos nossos avós como o trabalho, o patrimônio, o amor de toda a vida, o compromisso, o sacrifício, a austeridade, a autoridade e o respeito. Agora, certezas deste tipo são muito difíceis de encontrar. E o que as pessoas acessam é bastante precário, provisório e, muitas vezes, desgastante.

As coisas mudam constantemente de forma e todos nós tivemos que nos adaptar aos novos estilos de vida. Não há dúvida de que a pandemia de coronavírus fez com que tivéssemos que nos adaptar a um presente constantemente em mudança. E, a sensação é que tudo muda muito rápido e não conseguimos encontrar o nosso lugar no mundo.

Além disso, o pensador acreditava que esse ambiente dificulta as pessoas a definirem sua identidade e encontrem suas verdadeiras paixões. Essa realidade dificulta que as pessoas mudem o seu presente, melhorem a sua situação, pois elas não conseguem fazer isso pela instabilidade e a dificuldade de delimitação de sua própria realidade.

Ao longo da história, várias instituições e estruturas sociais permaneceram intactas e incontestadas. Dentre elas está a Igreja, onde os valores mais relevantes estão associados à estabilidade, união e tradição. Contudo, em nosso tempo atual, esses valores e estruturas norteadoras se dissolveram, dando origem à modernidade líquida.

A modernidade líquida é uma categoria sociológica que serve para definir o estado atual de nossa sociedade. Baumann a define como uma mudança constante e transitória ligada aos fatores educacionais, culturais e econômicos. A metáfora da liquidez tenta demonstrar a inconsistência das relações humanas em diferentes esferas, como a afetiva e a laboral. As redes sociais desempenham um papel importante em tudo isso, pois nos permitem conectar com todos e, ao mesmo tempo, nos desconectar do que verdadeiramente desejamos. Um '*clique*' pode representar um muro ou uma ponte nas relações humanas.

A sociedade líquida está em constante mudança. Isso permite um sentimento de angústia existencial que não faz sentido quando se trata de construir coisas novas. A própria modernidade e o tempos proporcionarão sua desintegração. Como raça humana nos encontramos navegando nos mares da incerteza. Como estará a economia amanhã? Teremos um emprego? Formaremos uma família? Será que todas as coisas desapareceram em velocidade rápida? Não sabemos...

Estamos vivendo uma enorme crise de autoridade. Ninguém quer obedecer a ninguém e todos temos a verdadeira razão sobre todas as coisas. Somos exímios '*opinólogos*'. Temos dificuldades em assumir compromissos sérios. Na verdade, não estamos ouvindo com um coração manso e humilde (Mateus 11,28) a Jesus do evangelho que segue desejando falar com cada um de nós. Escutemos esse coração reconciliado que superou o ressentimento e a vitimização, recusando o abuso, a violência e a indiferença.

E por fim, vivemos relações repletas de relativismo e sincretismo, onde o consumismo e o hedonismo (prazer pelo prazer) são nossos principais canais de informação sobre como devemos agir no mundo. Enfim, falta-nos a formação humana necessária para vivermos como filhos de Deus nessa sociedade líquida.

JULGAR

O valor da comunidade e a comunhão de vida são dois valores importantes neste tempo de pandemia. Na verdade, a comunidade é o elemento mais importante do estilo de vida agostiniano. Um religioso agostiniano é uma pessoa que vive e promove a comunhão. A comunidade é o eixo em torno do qual vive a comunidade e se concretiza a vida religiosa agostiniana. A comunidade de irmãos se caracteriza *pelos sujeitos que vivem unanimemente na casa, tendo uma só alma e um só coração, buscando juntos a Deus e dispostos a servir a Igreja* (Constituições da Ordem de Santo Agostinho 2, 26). Desde essa realidade, o mundo saberá que avançamos na perfeição: cuidem mais do que é comum do que do que é próprio, assim como é melhor precisar menos do que ter muito. Esses são os principais pontos que estão escritos no terceiro capítulo da Regra de Santo Agostinho.

Quais as expectativas sobre a nossa vida em comunidade? Devemos buscar sermos pessoas de boa convivência. *“Que o Senhor lhes conceda observar tudo isso movidos pela caridade como apaixonados pela beleza espiritual e inflamados pelo bom cheiro de Cristo que emana de seu bom trato”* (Regra de Santo Agostinho 8, 48). O importante é vivermos conscientes de que podemos sermos fraternos. É importante que saibamos compreender e nos colocarmos no lugar do outro mesmo sem concordo com suas escolhas e caminhos. O outro é um ser em relação, a gente conhece bem. Quanto melhor nos relacionarmos uns com os outros, melhores pessoas seremos para nós mesmos. A teologia é a relação com Deus, com o outro, com a criação e com o meu mundo interior. Seremos pessoas melhores, mais humanos, mais de Deus e melhores cristãos, quanto melhor aprendermos a nos relacionar uns com os outros. Quanto mais nos conhecermos, mais conheceremos o próximo e a Deus. Essa é a dinâmica.

O valor da oração e da interioridade encontra-se na Regra 2,10, na qual Santo Agostinho nos diz: *“perseverai nas orações fixadas para as horas e horários de cada dia”*. Ou seja, não podemos deixar espaço para a oração como a nossa última escolha. É importante definir horários. O valor da interioridade é sermos pessoas profundas e não superficiais, pessoas que não olham apenas com os olhos, mas também com o coração. É preciso que cada um trabalhe atentamente a renovação do homem interior, porque *“quem te fez sem ti, não te justifica sem ti”* (Santo Agostinho). Em outras palavras, não vai te salvar sem ti. Essa renovação começa pela graça do batismo, pelo qual, ao nos revestirmos do novo homem, nos revestimos também de Cristo e pela fé nos tornamos filhos de Deus.

O valor da humildade na comunidade e nas relações interpessoais é um dos pontos principais da vida em comum agostiniana.

“Grande é o nosso Senhor, tudo pode, ninguém pode medir a sua inteligência’ (Salmo 147,5) e o ser humano ousa louvar-te, parte insignificante da tua criação, precisamente o ser humano que carrega consigo a mortalidade, que traz na flor da pele a marca do seu pecado e o testemunho de que resistes aos soberbos (I Pedro 5,5), porém, um homem, parte insignificante da tua criação, ousa louvar-te, e tu mesmo és o aquele que te elogia, você me encoraja a encontrar prazer em elogiá-lo, porque você nos criou orientados para você e nossos corações estão inquietos, ficarão inquietos até que descansem em você. (Confissões I, 1).

Que incrível! Por que complicamos a vida buscando ares de grandeza ou elogios? Tudo se torna complicado para nós. *“O orgulho, porém, se insinua nas boas obras para que pereçam.” (Regra 1, 8)*. A importância da humildade se insinua nas boas obras, porque o orgulho é o pecado que se alimenta da virtude, faz cair as obras e perder o crédito que fica para trás.

Voltemos ao valor da ternura. A grandeza de uma sociedade, de uma instituição e de uma família é a capacidade de se reconhecerem. Quanta coisa a pandemia nos ensinou! Como os pais que vão ter

o primeiro filho estão atentos aos traços do filho, e logo se reconhecem nele, Deus não quer nos perder de vista.

Na carta apostólica *“Patris Corde”* do Papa Francisco, São José é apresentado como pai da ternura: *“A ternura é a melhor maneira de tocar o que há de frágil em nós, o dedo apontado e o julgamento que fazemos dos outros são muitas vezes um sinal de nossa incapacidade de aceitar nossa própria fraqueza, nossa própria fragilidade. Só a ternura nos salvará da obra do acusador...”* Que aprendamos a ver a nossa própria fragilidade na fragilidade dos outros.

São José viu Jesus progredir dia após dia em sabedoria, em estatura e na graça de Deus e dos homens. Como o Senhor fez com Israel, assim José fez o Senhor andar e o tomou nos braços. Era para ele como um pai que levanta um filho até o rosto e se inclina para alimentá-lo. Jesus viu a ternura de Deus em José, seu pai adotivo. Como o pai sente ternura por seus filhos, assim o Senhor sente ternura por aquele que o teme. Na sinagoga, durante as orações do sábado, José certamente terá ouvido que o Deus de Israel é um Deus de ternura, que é bom para todos e que a sua ternura atinge toda a criação.

A história da salvação realiza-se através das nossas fraquezas. Muitas vezes pensamos que Deus deixa apenas a parte boa e vencedora de nós, quando na verdade a maioria de seus desígnios passam apesar de nossa fraqueza. É isso que faz São Paulo dizer: para não me envaidecer tenho um espinho no corpo, um emissário de satanás que me bate. Para não ficar bravo, pedi ao Senhor que o tirasse de mim. E Ele me disse que minha graça é suficiente para você, porque meu poder se manifesta totalmente na fraqueza. Se esta é a perspectiva da economia da salvação, devemos aprender a aceitar a nossa fraqueza com intensa ternura.

O maligno nos faz olhar para a nossa fragilidade com um julgamento negativo, enquanto o Espírito a traz à tona com ternura. Ela é a melhor forma de tocar o que há de frágil em nós. O dedo que aponta para o julgamento que fazemos dos outros é sinal da nossa incapacidade de aceitar a nossa própria fraqueza, a nossa própria fragilidade. Só a ternura nos livrará da obra do acusador. Por isso é importante encontrar a misericórdia de Deus, especialmente no sacramento da reconciliação, fazendo uma verdadeira experiência de ternura: quanto maior a culpa, maior a bondade do Senhor.

Paradoxalmente, até o maligno pode nos dizer a verdade, mas o faz para nos condenar. Sabemos, porém, que a verdade que vem de Deus não nos condena, mas nos acolhe, nos abraça, nos ampara e nos perdoa. A verdade sempre nos aparece como o pai misericordioso da parábola. Ele vem ao nosso encontro, restaura a nossa dignidade, põe-nos de pé. Comemore conosco porque *'meu filho estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi encontrado'*.

Também pela angústia de José passa a vontade de Deus. Assim, José nos ensina que devemos ter fé em Deus e acreditar que Deus age através de nossos medos, nossas fragilidades e nossas fraquezas. Ele nos ensina que em meio às tempestades da vida não devemos ter medo. Devemos dar a Deus o leme do nosso barco. Às vezes queremos ter tudo sob controle, mas Ele sempre tem uma perspectiva mais ampla.

AGIR

No Documento de Aparecida podemos ver que somos discípulos e missionários de Cristo para que Nele o mundo inteiro tenha vida. Esta reflexão aqui proposta deve fazer parte de um todo, de um

itinerário de conversão e serviço a Jesus nos irmãos, conscientes de que somos companheiros de caminho.

O texto diz: *“nos comprometemos a trabalhar para que nossa Igreja latino-americana e caribenha continue a ser companheira de caminho de nossos irmãos mais pobres, até o martírio”*. (Aparecida, 396). Vale especialmente para nós, agostinianos, desde as instituições educativas, tudo o que o documento levanta sobre a necessidade de conversão pastoral e renovação missionária das comunidades.

O documento de Aparecida (365ss) destaca quatro requisitos básicos: (1) aceitar a necessidade de mudança entrando em um processo de conversão e renovação, superando a rotina e enfrentando novos desafios; (2) promover a espiritualidade, a comunhão e a participação em tudo o que implicam em todos os níveis; (3) passar de uma pastoral de mera conservação a uma pastoral missionária na qual a Igreja se manifesta como mãe que sai ao encontro, casa acolhedora, escola permanente de comunhão missionária; e, (4) elaborar um projeto pastoral orgânico e conjunto, caminho necessário para a renovação pastoral e espiritual. Essa deve ser nossa preocupação, também, em nossas instituições de ensino.

A missão e evangelização são partes importantes do nosso processo educacional. Somos a Igreja de portas abertas. As portas físicas de nossos templos podem ter sido fechadas durante a pandemia. Mas as portas do coração da Igreja, que é mãe acolhedora, nunca foram fechadas. Somos chamados a aproximar-nos das periferias existenciais e geográficas, ao mesmo tempo semelhantes e diferentes das circunscrições a que pertencemos.

A missão dos discípulos é para o serviço da vida plena. A Igreja é missionária por natureza porque nasce da missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai. Por isso, o impulso

missionário é fruto necessário da vida que a Trindade comunica aos discípulos (Aparecida 347).

Nós somos agostinianos e, por isso, missionários e evangelizadores. Somos convidados a uma nova etapa de evangelização marcada pela alegria que nasce e renasce em Jesus Cristo (*Evangelii Gaudium*, 1). Não percamos o entusiasmo de enunciar e anunciar o Evangelho. Somos chamados a ser evangelizadores com espírito. As vezes perdemos o entusiasmo pela missão esquecendo que o evangelho responde às necessidades mais profundas das pessoas. Como nos faz bem ver Jesus perto de todos! Sou obrigado a fazê-lo, e pobre de mim se não proclamasse o evangelho, como fala São Paulo.

Cada um de nós, como integrantes de nossas queridas instituições de ensino, temos uma riqueza espiritual. Somos missionários na essência e compartilhamos da mesma consagração a Cristo por meio do batismo no contexto de cada Igreja particular de nossa América Latina e Caribe. Somos chamados a perguntar diante do Senhor e da família educativa diante do povo de Deus, ou seja, das famílias que servimos: qual o modelo ideal de pastoral educativa agostiniana temos e queremos? Qual é a razão de ser da minha instituição no apostolado educativo? Respondendo honestamente essas perguntas estaremos no caminho que Deus quer para nossas vidas como autênticos educadores.

Somos evangelizadores que nos deixamos evangelizar todos os dias. Rezemos e trabalhemos para renovar o entusiasmo pela missão.

Por fim, o educador agostiniano deve levar em consideração cinco questões importantes para pensar o trabalho educativo a partir da espiritualidade agostiniana:

1. Como são minhas relações interpessoais dentro da instituição de ensino?

2. Proponho viver a espiritualidade agostiniana que é luz para minha vida e meus projetos educativos?

3. Como me mostro e me reconheço no irmão com quem trabalho e nas famílias que atendo através dos alunos?

4. Que valor da minha vida cristã agostiniana sinto que deveria trabalhar mais no meu dia a dia?

5. Como está o meu compromisso missionário e evangelizador na minha instituição de ensino e na comunidade cristã a que pertencço?

Obrigado pela atenção de todos.

CAPÍTULO 7

JUSTICIA Y PAZ COMO PROCESO EDUCATIVO EN AMÉRICA LATINA

Fr. P. Antonio Lozan Pun Lay, OSA
Fr. P. Arthur Vianna Ferreira, OSA



(<https://www.youtube.com/watch?v=PBPEQscZ3tU&t=1035s>)

El presente artículo es una transcripción libre de la Conferencia “*Justicia y Paz como proceso educativo en América Latina*” hecha por el Coordinador del Área de Justicia y Paz, Fr. P. Antonio Lozán Pun Lay, OSA y el Coordinador del Área de Educación, Fr. P. Arthur Vianna Ferreira, OSA. Esta se llevó a cabo de manera virtual a través de videoconferencia (*Streamyard*) y fue transmitida por los canales de *YouTube* y *Facebook* de OALA, el 2 de febrero de 2022, desde las ciudades de Iquitos, Perú y de Rio de Janeiro, Brasil.

Este material pretende contribuir con respecto a la promoción de la solidaridad organizado en las escuelas a partir del trabajo, ya realizado, entre agustinos sobre el tema de Justicia y Paz en OALA.

Así, los lectores pueden pensar, desde el ardor agustiniano de la promoción de la Justicia y la Paz en América Latina, las acciones concretas en nuestros colegios por una sociedad más fraterna. Del mismo modo, las escuelas agustinianas pueden incentivarse a construir espacios comunes de interacción entre alumnos, docentes y directores de nuestras escuelas en diferentes países del continente americano.

Quienes lo deseen pueden acceder a esta conferencia completa en el Canal de YouTube, señalando con la cámara del celular, el Código QR que se encuentra en la página anterior de este artículo/conferencia.

I

Para hablar de justicia y paz como cristianos tenemos que ir a la raíz que es el esencial: Jesús. Él tenía como punto principal de su vida el amar a Dios, y amar al prójimo como Dios ama. Entonces desde ahí, se puede comprender por qué actuaba hacia los más necesitados y marginalizados. Hacia aquellos que necesitaban de algún tipo de apoyo y no encontraban en la sociedad de su tiempo. Cuando vemos

que el actuar de Jesús se marca dentro de eso primero mandamiento de la ley de Dios – el amor a Dios y al prójimo – vemos su preocupación por aquellos que son marginalizados. Vemos que para Jesús le interesa que todos nos sintamos hijos de Dios y todos nos sintamos una sola familia, capaces de vivir y convivir de acuerdo con las normas que nos da el Padre. Esa realidad nos hace sentir protegidos y acompañados por Dios.

Desde el actuar de Jesús comprendemos que debemos tratar el prójimo como a nosotros mismo. Esa es la regla fundamental para el actuar del cristiano. Se nosotros somos hijos de Dios, entonces ¿cómo podemos pensar en hacer daño a alguien? ¿Cómo podemos actuar con destrucción a otra persona sólo porque tenemos ideas distintas? Estas son cuestiones que nos permite entender hacia donde tenemos que dirigir nuestro actuar.

Toda nuestra labor se encuentra en el hecho de poder entender que somos hermanos del mismo padre. Cada uno de nosotros tenemos nuestras peculiaridades y somos capaces de entender el mundo como el lugar donde todos somos importantes. Todos tenemos de poner lo nuestro para poder sacarlo adelante.

Desde el punto de vista agustiniano, hablar de justicia y paz es algo importante de nuestro carisma. Cuando hablamos de justicia hablamos de la capacidad que tenemos de dar a la persona lo que le corresponde. De ese modo podemos entender que a todas las personas no se puede dar lo mismo, porque no necesitamos lo mismo. Cuando hablamos de paz, hablamos del concepto de la paz desde el alma y el cuerpo. La paz del alma se refiere a toda tranquilidad que uno tiene cuando se siente realizado como persona y ser humano. La paz del cuerpo se refiere a las cosas externas que te intranquilizan y que no dejas seas tú mismo, de tal modo que el cuerpo requiere descanso y tranquilidad para que descubras por donde tiene que ir.

De otro modo, se hablamos también de la paz estamos hablando de la templanza que es un valor muy importante para la persona. Saber controlar las pasiones también es una señal de tranquilidad. Esa paz solamente se puede lograr dominándose uno mismo.

¿Por qué es importante trabajar la justicia y la paz en los colegios?

En nuestros colegios suceden muchas situaciones que nos muestran la diversidad de las personas y las distintas maneras de vivir la vida (la diversidad de cuestiones raciales, sociales y económicas). Entonces nosotros debemos ser personas que entienden que estas situaciones no pueden distanciar unos de los otros. Esas situaciones, más bien, tienen que volverse complemento de la persona que somos. La diferencia entre las personas no debe nos alejar de la convivencia de los demás. Al contrario, debe nos ayudar a entender mejor las distintas situaciones de la vida.

La convivencia con los que son diferentes nos ayuda a equilibrar lo que es el trato entre alumnos y entender mejor su psicología. Desde ahí podemos actuar conforme lo que Jesús hizo con su gente: buscar los marginados, los que están alejados y tratar de integrarlos en su sociedad. Esa mirada del profesor agustino permitirá que los alumnos puedan sentirse acogidos, acompañados, amados y, por lo tanto, repercutirá en su forma de estudiar, de ser como persona y ser humano.

Muchas veces nos ponemos a pensar cómo vamos trabajar la justicia y la paz en los colegios, sino hay uno material concreto – y directo – para poner en marcha en nuestras actividades educativas. En verdad, normalmente lo que trabajamos es la acción cívica, o sea, como tendremos que comportarnos en la sociedad o con los demás. Pero, el recto es, desde la justicia y paz, englobar nuestra visión cristia-

na de todo lo trabajo solidario en la educación. Para eso buscamos al esencial que es Cristo que se encuentra en las Escrituras en los cuatro evangelios.

Desde ahí, podemos destacar su acercamiento a los marginados; su manera de actuar con ellos; la cura de los enfermos; el rescate de los endemoniados, entre muchas formas de actuación con los más necesitados. Así, debemos buscar recuperar las dinámicas de los grupos, reintegrar las personas, permitir que ellos sientan que sus historias personales son importantes y que pueden ser siempre personas mejores. El salón de clases es una pequeña sociedad y que permite trabajar la justicia entre los distintos grupos y problemas que puedan surgir en la vida contemporánea.

Por supuesto que diferentes situaciones se nos van a presentar en las aulas y, por las veces, tiene que ver con cuestiones más delicadas como abuso sexual y de autoridad, agresividad entre los alumnos en el salón, entre tantas otras. Siempre debemos buscar comprenderlo con la mirada y el actuar de Jesús. Como Agustinos, debemos trabajar con el concepto que utilizaba San Agustín de justicia: darle a cada quien lo que merece y necesita para su salvación. Si nosotros somos los más justos o intentamos serlo, eso nos ayudará en las decisiones más correcta en nuestros colegios.

Esto es lo que se buscamos con esa ponencia con respecto al tema de justicia y paz en los colegios. Desde esa reflexión cada colegio puede construir un plan de acción que ayudará a evaluar a los alumnos, a los tutores y aquellos que acompañan a los alumnos en cada salón de clases, con objetivo de tener un trabajo coordinado que permita conocer las familias y la historia de cada alumno. Debemos llevar en cuenta los aspectos motivacionales y afectivos de cada uno de los alumnos y profesores, pues sin ellos vamos tener complicaciones para el desarrollo personal y colectivo de nuestra labor educativa.

Compañeros y compañeras, busquemos de ese modo condiciones para que la realización de los alumnos pueda darse a contento en la realidad social, económica y emocional de nuestros países en Latino América. Sabemos que puede ser complicado atender a gran cantidad de alumnos que tenemos en cada uno de nuestros colegios, pero debemos tener más atención a aquellos que se encuentran en situaciones más complejas y que necesitan de una compañía más cercana de nosotros como educadores cristianos, católicos y agustinianos.

El sentido de comunidad es lo que debemos trabajar en nuestros colegios. Las comunidades ayudan al desarrollo de nuestros jóvenes. Es importante que se formen en los colegios esos espacios donde todos puedan recibir ayuda. Eso llama la atención de los jóvenes. Debemos poner atención a ese lugar donde puedan sentirse acompañados llevando a cabo su realización personal.

En verdad, tenemos un objetivo: que la justicia y la paz sea trabajada como parte del proyecto de Deus para el mundo, o sea, la vivencia del reinado de Dios en la sociedad humana. Esa transformación solamente se logrará cuando entendamos que cada uno tiene que poner de su parte para que el bien común se ponga en marcha. No es una cosa que viene desde el cielo o aparece al instante. Nosotros debemos poner nuestro empeño y esfuerzo para que realicemos una sociedad más justa y fraterna, aunque no sepamos muy bien por donde tengamos que ir. Si tenemos claro lo que somos y los principales mandamientos dados por Cristo encontraremos, así, el norte de nuestro caminar.

Que toda esa pequeña reflexión nos ayude a pensar en un plan general para que justicia y paz sean trabajadas en todas las relaciones presentes en los colegios. Los principales resultados que deseamos llegar con esa reflexión desde la solidaridad y fraternidad cristiana se expresan en: jóvenes capaces de pensar, de discernir, de actuar, de

entender y, sobre todo, amar a Dios desde acciones concretas en el mundo contemporáneo.

II

Desde lo que reflexionamos hasta el presente momento, tenemos claro que debemos actuar como educadores desde Jesucristo y desde San Agustín. Principalmente, cuando pensamos en los temas transversales de Justicia y Paz en el Siglo XXI.

La pregunta que hacemos desde ese punto es: ¿Hay un manual específico que sea el guía común para trabajar las cuestiones de justicia y paz en América Latina? La respuesta es sencilla: no hay ese manual. Pero hay la intuición cristiana, el Evangelio y el ejemplo de San Agustín desde nuestras comunidades. Nuestro trabajo cotidiano con el pueblo y sus necesidades educativas nos ayudan a pensar y a construir juntos un actuar desde nuestra realidad contemporánea. Así, los contextos de justicia y paz son hechos por nosotros y con nosotros, y los manejamos desde nuestro espacio de relaciones humanas.

Al principio, debemos nos preocupar en dar respuestas a nuestros tiempos a partir de Jesucristo. Por eso la importancia de las Sagradas Escrituras en la espiritualidad del Educador Agustino. Desde las Escrituras miramos como Jesús se pone en los desafíos, las dificultades y retos de su tiempo actuando directamente en la historia. Nuestro interés se encuentra en buscar siempre la dimensión restauradora del ser humano y del creado por Dios. Y, desde una lectura de San Agustín, como su experiencia nos anima para seguir nuestras actividades. Siguiendo las huellas de Agustín, lleno de inquietudes y de incertidumbres, encontramos su posicionamiento frente a la existencia histórica del hombre. Así, desde el actuar de Jesucristo y de San

Agustín, pensamos cómo hacer la reflexión a respecto de la justicia y la paz dentro de nuestros colegios.

Es posible empezar la reflexión desde la diversidad que se presenta en el interior de nuestra labor educativa. En verdad, desde los colegios agustinianos vemos una única realidad: somos todos distintos. Y, desde ahí buscamos el acercamiento unos a los otros. Partimos del punto que la diversidad hace parte de la constitución del ser humano y descubrir maneras de vivir juntos desde la diferencia es nuestro recto.

De alguna forma, San Agustín intuyó esa realidad humana en sus escritos. Desde su Regla de Vida, dejada para sus hermanos, la preocupación con la necesidad específica de cada uno (Regla 1, 4) nos lleva a reflexión con respecto a un censo de justicia desde la diferencia puesta por las condiciones humanas y expresas desde sus diferencias.

Para que eso sea una realidad a ser vivida por los educadores agustinianos es necesario que cada uno pueda mirar al otro con fraternidad. Así, las dimensiones de las relaciones interpersonales serán el fundamento del trabajo de justicia y paz entre nosotros. Como educadores preocupados con las relaciones interpersonales debemos tener en cuenta de los aspectos sociales y afectivos que hacen parte del desarrollo humano de nuestros alumnos. Esos aspectos son condiciones importantes para el trabajo educativo desde la realidad de justicia y paz.

El fato es que todos nosotros cambiamos a lo largo de la vida. Nuestros aspectos afectivos y sociales también sufren transformaciones fundamentales en nuestra constitución como ser humano y nos hacen diferentes. ¿Cómo podemos tener en cuenta esos cambios en las relaciones dentro del apostolado educativo, sea en los centros educa-

tivos, en la pastoral, en la Iglesia, en el trabajo con las familias y en la sociedad latinoamericana?

Cuando hacemos la opción de excluir las ‘diferencias’ en nuestras relaciones rechazamos los sujetos de la sociedad y no vemos la realidad social como un todo. La opción por la exclusión social es lo más fácil, pero nuestro trabajo es de la reconciliación y de la misericordia. Nuestro esfuerzo se encuentra en unir lo que está disperso. Por eso, la promoción de la justicia y de la paz, como Agustinos, no es solo un concepto idealizado, pero concreto y cotidiano. Es algo que se debe existir en todos los aspectos de la realidad: en la familia, en el colegio y en las relaciones sociales. Todos esos son espacios que se puede hacer la justicia y promover la paz. Esos no son conceptos universales intangibles, pero realidades que debemos construir juntos como seres humanos en una sociedad más solidaria.

A la vez, deberíamos hacer el ejercicio de pensar la justicia y la paz como elementos pedagógicos. Desde el educador brasileño Paulo Freire se puede discutir la idea de promoción de la paz como educadores preocupados con el desarrollo humano en sus dimensiones biopsicosociales. En uno de sus libros, nombrado *Pedagogía de la Indignación*¹ (2000), el autor habla con respecto a la posibilidad de un mundo nuevo desde nuestras actitudes vueltas para una mirada hacia la realidad social e histórica. La propuesta es la construcción de relaciones interpersonales en la educación que consideren la discusión de la ética y la política, con el compromiso de la inclusión de los pobres y los rechazados de la sociedad brasileña. Ese tipo de discusión puede nos animar a dar más protagonismo a los que se encuentran al margen de nuestras discusiones educativas.

Siguiendo el esfuerzo de trabajar la justicia y la paz desde la Pedagogía, como Paulo Freire, entendemos que la educación puede

¹ FREIRE. Paulo. *Pedagogia da Indignação*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ser algo que nos lleva a la libertad necesaria para ayudar a los hombres a transformaren a unos mismo y, desde esa transformación, hacer los cambios necesarios en su realidad social.

La cuestión de la libertad se organiza desde la capacidad humana del dialogo que se presenta como elemento importante de la praxis educativa. Para nosotros, cristianos y agustinianos, lo aprendemos desde las Escrituras la importancia de esa comunicación que debe ser efectiva y eficiente. Jesús es el dialogo de Dios con la humanidad. Y nos enseña que en el diálogo sincero no hay espacio para el juzgamiento. El acto de juzgar pertenece a Dios. A los hombres se encuentra la capacidad de hablar uno con los otros.

El dialogo es una realidad cristiana por excelencia. A la vez, ella también es una realidad educativa. En San Agustín también vemos el esfuerzo para que el diálogo sea una realidad utilizada en favor de la labor educativa. En su libro *De catechizandis Rudibus*, el dialogo entre el maestro y el catecúmeno es parte importante, y esencial, del trabajo de catecismo en la pastoral. El capítulo 6 de esa misma obra, Agustín se preocupa en cómo mejorar la comunicación y el dialogo entre el que enseña y lo que está aprendiendo las verdades de la fe cristiana.

Así, para los agustinos, el dialogo debe ser una realidad divina de encuentro con el otro y con Dios. El dialogo es la oportunidad de estar con el otro, acercarse del otro y ser con el otro una realidad posible de cambios importantes para el grupo social y educacional.

De vuelta al campo de las Ciencias de la Educación. Para Paulo Freire en su libro *Pedagogía del oprimido*² (1987) encontramos lo que estamos reflexionado en los párrafos anteriores. El dialogo es la oportunidad de hablar con el otro y tornarse personas empáticas con su realidad socioeconómica Actualmente, lo que vemos en la sociedad

² FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

contemporánea es una preocupación en juzgar las situaciones sociales de manera a rechazar el encuentro con el diferente. Lo que es bueno, y está de acuerdo con mi grupo, es aceptable. Lo que es malo, y no satisface las necesidades de mi grupo, es rechazado.

Ese tipo de reflexión, superficial con respecto a la realidad, no debe ser promovida en nuestros colegios. Todo el trabajo educativo, desde la libertad y del dialogo, nos lleva a la transformación del hombre. El dialogo debe promover la autonomía y a la capacidad de la persona a tomar sus decisiones en el mundo desde criterios ideológicos que sean claros. El conocimiento empírico de la realidad debe promover a una individualidad que haga los alumnos a sentir que hacen parte de lo que pasa en el mundo. Así, las decisiones que uno toma con respecto a su vida son importante para todo el ecosistema social. En verdad, la autonomía es la capacidad de cumplir reglas y de hacerlas parte de su vida, dándoles sentido para actuar en el mundo.

Llegando a ese punto de la reflexión, y teniendo como referencia a Paulo Freire, resaltamos 5 puntos de acción importantes para pensar las cuestiones puestas hasta ahora:

1. El educador debe tener en cuenta que el mundo no está listo o terminado, vivimos en una realidad cambiante;
2. No tenemos todas las verdades con respecto a la realidad del mundo. Por eso, estamos siempre estudiando, pues nos comprometemos con la realidad y sus transformaciones;
3. El educador debe desafiar a aquellos que son oprimidos y rechazados a comprender críticamente la realidad. Las situaciones de injusticia deben ser conocidas de manera crítica para la búsqueda de situaciones de justicia y paz entre los hombres en sociedad;
4. El educador debe estar en constante formación teniendo en cuenta que necesita dominar los conceptos de la realidad para ayudar a los alumnos a hacer una reflexión crítica de sus realidades. Y eso no será posible se el educador no saber los conceptos educativos. En verdad, es comprender que estudiamos para el otro de nuestra labor educativa es

que nuestro trabajo será una posibilidad de cambio para la realidad de exclusión vivida por nuestros alumnos;

5. El educador debe entender como las personas comprenden la realidad y sus distintas implicaciones. Cada uno de nosotros vemos el mundo de una manera muy particular. Generalmente, no pensamos de la misma manera, pues nuestra historia (personal y grupal), nuestro desarrollo y nuestro posicionamiento en el mundo es distinto de los demás. En verdad, cada uno de nosotros tenemos una lógica de acción propia, (personal y grupal) en que nos movemos desde nuestro proceso cognitivo. Por eso, el educador tiene que aprender a escuchar esas lógicas distintas para organizar sus trabajos y sus relaciones socioeducativas.

Xesús Jares, desde la Pedagogía Social, maneja otro concepto en su reflexión que ayuda a pensar las cuestiones de justicia y paz en la educación: la convivencia. Para ese autor, la convivencia no es solo el hecho de 'estarnos juntos', pero reconocer que las relaciones interpersonales pueden, y deben, ser trabajadas desde los derechos humanos para la promoción de una cultura por la paz. Esa construcción se hace desde una vivencia de los derechos humanos entre los hombres y mujeres en los grupos sociales. Ese tipo de reflexión se presenta como una llave importante para leer los documentos de justicia y paz de OALA desde el área de educación.

En su libro *Pedagogía de la Convivencia*³ (2008), el autor propone que la composición del trabajo pedagógico debe trabajar las siguientes dimensiones de los derechos humanos: el respeto, el diálogo, la solidaridad, la no violencia, el laicismo, la dinámica cultural, la ternura, el perdón, la diversidad y el bien estar (felicidad/esperanza). Esos elementos son claves de la construcción de la convivencia porque son elementos constituyentes para el ejercicio de los derechos de los seres humanos.

Otro punto importante para esa reflexión es la constitución de la convivencia a partir de los conflictos humanos. Como somos perso-

³ JARES, Xesús. *Pedagogía da Convivência*. Rio de Janeiro: Palas Athenas, 2008

nas distintas y con lógicas de acciones distintas, el conflicto es parte fundamental de la convivencia. Así, la convivencia jamás garantizará la ausencia de conflicto, pero traerá la posibilidad de ver el conflicto como algo positivo para el desarrollo del grupo social. Es importante que el educador deje de actuar desde una perspectiva tradicional de la palabra conflicto (como algo que es malo, patológico y disfuncional) para una perspectiva positiva. El conflicto se presenta como parte de la naturaleza humana.

No hay sociedades sin conflictos. Los constantes cambios personales, sociales e históricos ayudan en la promoción de esos conflictos. Por eso, en esa perspectiva, el conflicto es un desafío intelectual y emocional que nos cuestiona cómo podemos sentir ese mundo junto con el otro. Esa visión de conflicto es que puede promover la cultura de la paz. Si el conflicto es la posibilidad de desarrollo entre lo que se presenta como distinto en la sociedad, los acuerdos, consensos y nuevas configuraciones que surgen desde esos encuentros con los grupos, deben promover realidades de pacíficas que garanticen la vivencia de los elementos de los derechos humanos.

En el libro *Educación para la paz*⁴ (2002), Xesús Jares se preocupa en presentar la estructura de los conflictos. La intención es que desde la comprensión de su estructura tengamos en cuenta la posibilidad de establecer un diálogo entre los que se encuentran como partes de los conflictos. Y, juntos, promover encuentros que ayuden tanto la resolución como el aprendizaje con respecto al desarrollo de la vivencia del mismo conflicto.

Para el autor, es necesario tener en cuenta 5 aspectos del conflicto: (1) ¿Cuáles son las causas que provocan la desestructuración de la convivencia? (2) ¿Quién son los protagonistas? (3) ¿Cómo se organiza el proceso en que se encuentra el conflicto? (4) ¿En qué contexto se

⁴ JARES, Xesús. *Educação para a Paz: Sua teoria e sua prática*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

desarrolla el conflicto? (5) ¿Cuáles son las consecuencias producidas por el conflicto? La propuesta del autor es que cuando la convivencia es capaz de reflexionar con respecto a la estructuración de sus propios conflictos es posible una educación para la paz.

La paz no es algo puesto como verdad absoluta, pero es algo producido en las relaciones. La paz es positiva desde su capacidad de presentarse como espacio de lucha por el código de valores organizado por los derechos humanos. Los educadores deben percibir que el conflicto los responsabiliza por la vivencia en los grupos sociales y nos motivar para disminuir la violencia directa presente en las relaciones sociales. La paz debe promover el desarrollo humano y económico. O sea, los espacios sociales en que la dignidad de las personas se presenta como una realidad cotidiana, económica y social, pueden ayudar a los seres humanos a crecer en el mundo. Las actividades educativas que se organizan desde los derechos humanos sostienen la convivencia democrática.

Finalmente, tenemos la justicia y la paz como un desafío para el trabajo educativo en América Latina. OALA tiene muchos documentos y escritos con reflexiones sobre Justicia y Paz hechas desde una perspectiva pastoral latino americana. No tenemos un manual específico para el ejercicio de la justicia y paz en nuestros colegios. Y eso, no es algo malo. En verdad, creemos que esa es la oportunidad que cada educador agustino tiene de vivir la experiencia de justicia y paz en su labor educativo.

Desde la realidad de su país, de su comunidad educativa y de la iglesia local debemos hacer una investigación con respecto a los documentos que ya existen de Justicia y Paz y empezar los estudios entre los maestros, religiosos, alumnos y padres de familia con respecto al tema.

De la misma manera que lo hicimos en esa ponencia invitamos a todos que busquen los referenciales sobre el tema en los documentos de OALA y reflexionen desde sus referenciales académicos y personales. Esa será la belleza de la diversidad de reflexiones que surgirá desde nuestros colegios, nuestros espacios de convivencia y nuestras realidades pastorales, en una búsqueda inquieta, por justicia y paz, desde nuestro apostolado educativo.

CAPÍTULO 8

JUSTIÇA E PAZ COMO PROCESSO EDUCATIVO NA AMÉRICA LATINA

Fr. Pe. Antonio Lozan Pun Lay, OSA
Fr. Pe. Arthur Vianna Ferreira, OSA



<https://www.youtube.com/watch?v=PBPEQscZ3tU&t=1035s>

Este artigo é uma transcrição livre da Conferência “Justiça e Paz como processo educativo na América Latina” realizada pelo Coordenador da Área de Justiça e Paz, Pe. Antônio Lozán Pun Lay, OSA, e pelo Coordenador da Área de Educação, Pe. Arthur Vianna Ferreira, OSA. Esse foi realizado virtualmente por videoconferência (Streamyard) e transmitido nos canais da OALA no YouTube e no Facebook em 2 de fevereiro de 2022, desde das cidades de Iquitos, Peru e Rio de Janeiro, Brasil.

Este material pretende contribuir para promoção da solidariedade organizada nas escolas a partir do trabalho, já realizado, entre os Agostinianos sobre o tema Justiça e Paz na OALA.

Assim, os leitores podem pensar, a partir do ardor agostiniano pela promoção da Justiça e da Paz na América Latina, as ações concretas em nossas escolas para uma sociedade mais fraterna. Da mesma forma, as escolas agostinianas podem ser estimuladas a construir espaços comuns de interação entre alunos, professores e gestores de nossas escolas em diferentes países do continente americano.

Quem desejar pode acessar esta conferência completa no Canal do YouTube, apontando com a câmera do celular, o QR Code que se encontra na página anterior deste artigo/conferência.

I

Para falar de justiça e paz como cristãos temos que ir à raiz essencial que é Jesus. Ele tinha como objetivo principal de sua vida amar a Deus e ao próximo. Então, a partir daí, pode-se entender a forma como ele agiu em relação aos mais necessitados e marginalizados. Para aqueles que precisavam de algum tipo de apoio e não o encontravam na sociedade de seu tempo. Quando vemos que as ações de Jesus estão marcadas dentro daquele primeiro mandamento da lei

de Deus – amor a Deus e ao próximo – vemos sua preocupação com os que são marginalizados. Vemos que Jesus está interessado em que todos nos sintamos filhos de Deus e que todos nos sintamos uma única família, capazes de viver e conviver segundo as regras dadas pelo Pai. Essa realidade nos faz sentir protegidos e acompanhados por Deus.

Desde as ações de Jesus entendemos que devemos tratar o próximo como a nós mesmos. Essa é a regra fundamental para a atuação do cristão no mundo. Se somos filhos de Deus, como podemos pensar em ferir alguém? Como podemos agir pensando que podemos nos vingar de outra pessoa só porque temos ideias diferentes? São questões que nos permitem entender para onde devemos direcionar nossas ações.

Todo o nosso trabalho se encontra no fato de poder compreender que somos irmãos do mesmo pai. Cada um de nós tem suas peculiaridades e somos capazes de entender o mundo como o lugar onde todos somos importantes. Todos nós temos que oferecer o melhor de cada um nós e progredirmos nele.

Do ponto de vista agostiniano, falar de justiça e paz é uma parte importante do nosso carisma. Quando falamos de justiça falamos da capacidade que temos de dar à pessoa o que lhe corresponde. Desta forma podemos entender que o mesmo não pode ser dado a todas as pessoas, pois nem todos precisam do mesmo. Quando falamos de paz, falamos do conceito de paz da alma e do corpo. A paz da alma refere-se a toda tranquilidade que se tem quando se sente realizado como pessoa e como ser humano. A paz do corpo refere-se às coisas externas que te deixam inquieto e que você não se deixa ser você mesmo, de forma que o corpo exige repouso e tranquilidade para que você descubra para onde ele tem que ir.

Ao falarmos de Paz, também falamos de temperança que é um valor muito importante para a pessoa. Saber controlar as paixões também é sinal de tranquilidade. Essa paz só pode ser alcançada dominando a si mesmo.

Por que é importante trabalhar a justiça e a paz nas escolas?

Em nossas escolas, constantemente, vivemos situações que nos mostram a diversidade das pessoas e as distintas formas de viver (diversidades em questões raciais, sociais e económicas). Por isso devemos ser pessoas que ajudam a compreender que estas situações não podem nos distanciarmos uns dos outros. Essas situações devem se tornar um complemento da pessoa que somos. A diferença entre as pessoas não deve nos distanciar dos espaços de convivência social. Contudo, deve ajudar-nos a compreender melhor as diferentes situações da vida.

A convivência com quem é diferente nos ajuda a equilibrar qual é o tratamento entre os alunos e entender melhor o seu psicológico. Assim, poderemos agir conforme Jesus fazia com o seu povo: procurar os marginalizados, os que estão longe e tentar integrá-los no grupo. Esse olhar do professor agostiniano permitirá que os alunos se sintam acolhidos, acompanhados, amados e, portanto, impactará na sua forma de estudar, de ser como pessoa e como ser humano.

Muitas vezes nos perguntamos de que forma vamos trabalhar os temas de justiça e paz nas escolas, se não há um material concreto - e direto - para implementá-los em nossas atividades educativas. Na verdade, normalmente o que trabalhamos é a ação cívica, ou seja, como devemos nos comportar em sociedade ou com os outros. A tarefa é, ao trabalharmos a justiça e a paz, incluirmos nossa visão cristã presente no trabalho solidário. Para isso buscamos o essencial que é Cristo que se encontra nos quatro evangelhos.

Na verdade, podemos destacar a sua abordagem aos marginalizados, ou seja, sua maneira de agir com eles: curar os enfermos; resgatar os endemoninhados e tantas outras formas de conviver junto aos mais necessitados. Nosso trabalho deve estar atento para as dinâmicas sociais que resgatem os grupos, reintegre as pessoas e valorize suas histórias pessoais a ponto de construírem uma consciência que leve a cada uma delas a desejarem ser pessoas melhores. A sala de aula é uma pequena sociedade que permite trabalhar a justiça entre os diferentes grupos e problemas que podem surgir na vida contemporânea.

Claro que diversas situações se apresentam em sala de aula e, às vezes, são questões mais delicadas, como por exemplo, abuso moral e sexual, agressões entre alunos e professores em sala de aula, entre tantos outros motivos. Em todos os casos, devemos sempre procurar compreendê-los com o olhar e a postura de Jesus. Como Agostinianos, devemos trabalhar com a mesma compreensão que santo Agostinho tinha sobre justiça: dar a cada um conforme merece e necessita para sua salvação. Se somos mais justos, com certeza, isso nos ajudará a trabalhar mais corretamente em nossas escolas.

É o que buscamos com esta palestra sobre o tema da justiça e da paz nas escolas. Ao fazer essa reflexão, cada escola poderá construir um plano de ação que ajude a avaliar os seus alunos, tutores e acompanhantes em cada sala de aula, com o objetivo de ter um trabalho coordenado, permitindo conhecer as famílias e o histórico de vida dos alunos. Devemos levar em consideração os aspectos afetivos de cada um dos alunos e professores, pois sem eles teremos complicações para o desenvolvimento pessoal e coletivo de nosso trabalho.

Companheiros e companheiras, busquemos as condições necessárias para que o aproveitamento dos alunos possa se enquadrar na realidade social, econômica e emocional de nossos países da América Latina. Sabemos como é difícil atender o grande número de alu-

nos que temos em cada uma de nossas escolas. Mas, devemos prestar mais atenção àqueles que se encontram em situações complexas e que precisam de nossa companhia mais próxima como cristãos, católicos e agostinianos.

Devemos trabalhar o sentido de comunidade em nossas escolas. As comunidades ajudam no desenvolvimento de nossos jovens. É importante que esses espaços sejam formados nas escolas como possibilidade de ajuda para todos. Devemos estar atentos a esse lugar onde eles possam se sentir acompanhados na sua realização pessoal.

Na verdade, o nosso objetivo maior deve ser esse: a justiça e a paz devem funcionar como uma construção do projeto de Deus para o mundo, ou melhor, uma experiência do Reino de Deus na sociedade humana. Essa transformação só será alcançada quando entendermos que cada um tem que fazer o que lhe cabe para a realização do bem comum. Não é uma coisa que cai do céu ou aparece instantaneamente. Devemos colocar nosso empenho e esforço para que criarmos uma sociedade mais justa e fraterna. Se tivermos clareza sobre quem somos e os principais mandamentos dados por Cristo, teremos um norte em nosso caminhar.

Que esta pequena reflexão nos ajude a pensar em um plano geral para que a justiça e a paz sejam trabalhadas em todas as relações presentes nas escolas. Os principais resultados que queremos alcançar com esta reflexão sobre a solidariedade e a fraternidade cristã devem se expressar nos seguintes resultados: com jovens capazes de pensar, discernir, agir, compreender e, sobretudo, amar a Deus por meio de ações concretas no mundo contemporâneo.

II

De tudo o que refletimos até o presente momento, fica claro que devemos agir como educadores a partir de Jesus Cristo e de Santo Agostinho. Principalmente, quando pensamos nas questões que envolvem a Justiça e a Paz no século XXI.

A pergunta que fazemos a partir deste ponto é: Existe um manual único, um guia comum, para trabalhar as questões de justiça e paz na América Latina? A resposta é simples: Não. Mas há a intuição cristã, o Evangelho e o exemplo de Santo Agostinho em nossas comunidades. Nossos trabalhos diários com as pessoas e suas necessidades educativas nos ajudam a pensar e a construir juntos uma ação com base em nossa realidade contemporânea. Assim, os contextos de justiça e paz são feitos por nós e, desde cada um de nós, gerimos a partir das nossas relações humanas.

Em primeiro lugar, devemos nos preocupar em dar respostas aos nossos tempos a partir de Jesus Cristo. Daí a importância das Sagradas Escrituras na espiritualidade do Educador Agostiniano. A partir das Escrituras vemos como Jesus enfrenta os desafios, as dificuldades e os desafios do seu tempo, atuando diretamente na história. Nosso interesse é buscar sempre a dimensão restauradora do ser humano e da criação de Deus. E, a partir de uma leitura de Santo Agostinho, nos animar para continuar as nossas atividades. Seguindo os passos de seu tempo histórico, cheio de preocupações e incertezas, Agostinho sempre tomou um posicionamento frente a sua realidade existencial. Assim, a partir das ações de Jesus Cristo, e de Santo Agostinho, refletimos como trabalhar a justiça e a paz dentro de nossas escolas.

É possível iniciar a reflexão a partir da diversidade que se apresenta em nosso trabalho educativo. De fato, nas escolas agostinianas vemos uma única realidade: somos todos diferentes. E, a partir

daí, buscamos existir como comunidade educativa. A diversidade faz parte da constituição do ser humano e, descobrir formas de viver a partir das diferenças presentes nas pessoas é o novo desafio.

De certa forma, Santo Agostinho intuiu essa realidade humana em seus escritos. A partir de sua Regra de Vida, deixada para seus irmãos, a preocupação com a necessidade específica de cada um (Regra 1, 4) nos leva a refletir sobre um senso de justiça a partir da diferença estabelecida pelas condições humanas e expressa a partir de suas diferenças.

Para que esta realidade seja vivida pelos educadores agostinianos, é necessário que cada um possa olhar para o outro com fraternidade. Assim, as dimensões das relações interpessoais serão o fundamento do trabalho de justiça e paz entre nós. Como educadores preocupados com o relacionamento interpessoal, devemos levar em consideração os aspectos sociais e afetivos que fazem parte do desenvolvimento humano de nossos alunos. Estes aspectos são condições importantes para um trabalho educativo que envolva as questões de justiça e paz.

O fato é que mudamos ao longo da vida. Nossos aspectos afetivos e sociais também passam por transformações fundamentais e nos diferenciam uns dos outros. Como levar em conta essas mudanças nas relações dentro do apostolado educativo, seja nos centros educativos, na pastoral, na Igreja, no trabalho com as famílias e na sociedade latino-americana?

Quando fazemos a opção de excluir 'diferenças' em nossas relações, rejeitamos os sujeitos da sociedade e não vemos a realidade social como um todo. A opção pela exclusão social é a mais fácil. Mas o nosso trabalho é de reconciliação e de misericórdia. O nosso esforço é unir o que está disperso. Por isso, a promoção da justiça e da paz,

como os agostinianos, não é um conceito idealizado, mas uma realidade concreta e cotidiana. É algo que deve ser vivenciado em casa: na família, na escola e nas relações sociais. Todos estes são espaços onde se pode fazer justiça e promover a paz. Não são conceitos universais intangíveis, mas realidades que devemos construir juntos como seres humanos em sociedade mais solidária.

Devemos fazer o exercício de pensar a justiça e a paz como elementos pedagógicos. O educador brasileiro Paulo Freire, concebe a ideia de promoção da paz como possibilidade de promoção do desenvolvimento humano a partir de suas dimensões biopsicossociais. Em um de seus livros, intitulado *Pedagogia da indignação*¹ (2000), o autor fala sobre a possibilidade de um mundo novo a partir de nossas atitudes voltadas para um olhar sobre a realidade social e histórica. A proposta é a construção de relações interpessoais e socioeducativas que considerem a discussão da ética e da política com o compromisso de incluir os mais pobres e rejeitados da sociedade latino-americana. Esse tipo de discussão pode nos estimular a dar mais destaque àqueles que estão à margem de nossas atividades educacionais.

Seguindo o esforço de trabalhar pela justiça e pela paz a partir da Pedagogia, a exemplo de autores como Paulo Freire, entendemos que a educação pode ser um espaço que nos leve a uma liberdade necessária para ajudar o homem a se transformar e, a partir dessa transformação, esse mesmo homem ser capaz de promover a modificação em sua realidade social.

A questão da liberdade é organizada a partir da capacidade humana de diálogo que se apresenta como elemento importante da práxis educativa. Para nós, cristãos e agostinianos, aprendemos, com as Escrituras, a importância dessa comunicação que deve ser eficaz e eficiente. Jesus é o diálogo de Deus com a humanidade. Ele nos ensina

¹ FREIRE. Paulo. *Pedagogia da Indignação*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

que no diálogo sincero não há espaço para julgamentos. O ato de julgar pertence a Deus e entre os homens o que deve ser trabalhado é a capacidade de falar uns com os outros.

O diálogo é uma realidade cristã por excelência. Ao mesmo tempo, é também uma realidade educacional. Em San Agustín vemos também o esforço de fazer do diálogo uma realidade utilizada a favor do trabalho educativo. Em seu livro *De catechizandis Rudibus*, o diálogo entre o professor e o catecúmeno é uma parte importante e essencial do trabalho do catecismo na pastoral. No capítulo 6 dessa mesma obra, Agostinho se preocupa em como melhorar a comunicação e o diálogo entre quem ensina e quem está aprendendo as verdades da fé cristã.

Assim, para os agostinianos, o diálogo deve ser uma realidade divina, um encontro com o outro e com Deus. O diálogo é a oportunidade de estar com o outro, se aproximar do outro e ser com o outro uma realidade possível de mudanças importantes para o grupo social e educacional.

De volta a Pedagogia, no livro *Pedagogia do oprimido*² (1987) encontramos o que estamos refletindo nos parágrafos anteriores. No diálogo reside a oportunidade de convivência com o outro e de tornarmos pessoas empáticas com sua realidade socioeconômica. Atualmente, o que vemos na sociedade contemporânea é justamente ao contrário. Existe uma preocupação em selecionar (ou julgar) as situações sociais entre os grupos promovendo, assim, uma desvalorização do encontro com o diferente. Ressalta-se o seguinte critério: o que é bom, e se identifica com o meu grupo, permanece. O que é ruim e não atende as minhas necessidades grupais, deve desaparecer.

Este tipo de reflexão superficial em relação à realidade não deve ser promovido em nossas escolas. Todo trabalho educativo, baseado na liberdade e no diálogo, nos leva à transformação do homem.

² FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

O diálogo deve promover a autonomia e a capacidade da pessoa de tomar suas decisões no mundo a partir de critérios ideológicos claros. O conhecimento empírico da realidade deve promover uma individualidade que faça com que os alunos se sintam integrantes da realidade social. Assim, todas as decisões tomadas em nossa vida afetam o ecossistema social. A autonomia é a capacidade de cumprir regras e torná-las parte de sua vida, dando-lhes o sentido necessário para agir sobre o mundo.

Chegando a este ponto de reflexão, e tomando Paulo Freire como referência, destacamos 5 importantes pontos de ação para pensar as questões levantadas até aqui:

1. O educador deve levar em conta que o mundo não está pronto ou acabado, ou seja, vivemos em uma realidade em constante transformação;
2. Não temos todas as verdades sobre a realidade do mundo. Por isso, estamos sempre estudando, pois estamos comprometidos com a realidade e suas transformações;
3. O educador deve desafiar os oprimidos, os mais pobres e os rejeitados a compreenderem criticamente a sua realidade. As situações de injustiça e perturbação devem ser conhecidas criticamente para a busca de situações de justiça e paz entre os homens na sociedade;
4. O educador deve estar em constante formação, tendo em conta que necessita dominar os conceitos da realidade para ajudar os alunos a fazer uma reflexão crítica das suas realidades. E isso não será possível se o educador não conhecer os conceitos educacionais. Na verdade, é compreendendo que estudamos para os outros do nosso trabalho educacional é que faremos a diferença em nossa profissionalidade;
5. O educador deve compreender como as pessoas entendem a realidade e suas diferentes implicações. Cada um de nós vê o mundo de uma maneira muito particular. Geralmente não pensamos da mesma forma, pois nossa história (pessoal e grupal), nosso desenvolvimento e nossa posição no mundo é diferente dos demais. Na verdade, cada um de nós tem uma lógica de ação própria (pessoal e grupal) na qual nos movemos a partir do nosso processo cognitivo. Por isso, o educador tem que aprender a ouvir essas dife-

rentes lógicas para organizar e as relações sociais do seu trabalho educativo.

No campo da Pedagogia Social, Xesús Jares traz em sua reflexão um outro conceito interessante para pensar as questões de justiça e paz na educação: a convivência. Para este autor, a convivência não se resume no fato de ‘estarmos junto uns com os outros’, mas reconhecer que as relações interpessoais podem, e devem, ser trabalhadas como a promoção da vivência dos direitos humanos e de uma cultura de paz. Essa construção é feita a partir de uma experiência de direitos humanos entre homens e mulheres nos diversos grupos sociais. Este tipo de reflexão se apresenta como uma relevante chave de leitura dos documentos de justiça e paz da OALA desde a área da educação.

No seu livro *Pedagogia da Convivência*³ (2008), o autor propõe que a composição do trabalho pedagógico trabalhe as seguintes dimensões dos direitos humanos: respeito, diálogo, solidariedade, não violência, laicidade, dinâmicas culturais, ternura, perdão, diversidade e bem-estar (felicidade/esperança). Esses elementos são fundamentais para a construção da convivência e do exercício dos princípios básico dos direitos humanos.

Outro ponto importante nesta reflexão sobre da convivência é a relevância dos conflitos humanos. Como somos pessoas diferentes – e com lógicas de atuação distintas – a o conflito é parte fundamental da convivência. Assim, a convivência não garantirá a ausência de conflito, mas trará a possibilidade de ver no conflito algo positivo para o desenvolvimento do grupo social. É importante que o educador saia da perspectiva tradicional da palavra conflito (como algo ruim, patológico e disfuncional) para uma perspectiva positiva. O conflito é parte da natureza humana e se transforma em um elemento de desenvolvimento positivo para as relações humanas.

³ JARES, Xesús. *Pedagogia da Convivência*. Rio de Janeiro: Palas Athena, 2008.

Não há sociedades sem conflitos. Constantes mudanças pessoais, sociais e históricas ajudam a promover esses conflitos. Portanto, nessa perspectiva, o conflito é um desafio intelectual e emocional que nos questiona como podemos sentir esse mundo junto com o outro. Essa visão do conflito pode promover a cultura da paz. Se o conflito é a possibilidade de desenvolvimento entre o que se apresenta como diferentes na sociedade, os acordos, os consensos e as novas configurações que surgem desses encontros com os grupos devem promover realidades pacíficas que garantam a vivência dos elementos dos direitos humanos.

No livro *Educação para a Paz*⁴ (2002), Xesús Jares se preocupa em apresentar a estrutura dos conflitos. A intenção é que a partir do entendimento de sua estrutura levemos em conta a possibilidade de estabelecer um diálogo entre as partes envolvidas nos conflitos. E, juntos, promover encontros que auxiliem tanto na resolução quanto no aprendizado quanto ao desenvolvimento da vivência do mesmo conflito.

Para o autor, é preciso levar em conta 5 aspectos do conflito: (1) Quais são as causas que provocam a desestruturação da convivência? (2) Quem são os protagonistas? (3) Como se organiza o processo em que se situa o conflito? (4) Em que contexto ocorre o conflito? (5) Quais são as consequências produzidas pelo conflito? Nesta perspectiva, quando a convivência é refletida sobre os distintos aspectos da sua constituição estamos no caminho possível para o desenvolvimento de relações mais pacificadoras.

A paz não é algo dado, mas produzido nas relações. A paz é positiva por sua capacidade de se apresentar como um espaço de luta pelo código de valores organizado pelos direitos humanos. Os educadores devem perceber que o conflito os responsabiliza pela vivência

⁴ JARES, Xesús. *Educação para a Paz: sua teoria e sua prática*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

nos grupos sociais e nos motivar a diminuir a violência direta presente nas relações sociais. A paz deve promover o desenvolvimento humano e econômico. Em outras palavras, os espaços sociais nos quais a dignidade das pessoas é apresentada como realidade cotidiana, econômica e social, podem ajudar o ser humano a crescer no mundo. As atividades educativas organizadas na perspectiva dos direitos humanos apoiam a convivência democrática.

Por fim, temos a justiça e a paz como um desafio para o trabalho educativo na América Latina. A OALA possui muitos documentos e escritos com reflexões sobre Justiça e Paz feitas a partir de uma perspectiva pastoral latino-americana. Não temos um manual específico para o exercício da justiça e da paz em nossas escolas. E isso não é algo ruim. Na verdade, acreditamos que esta é a oportunidade que cada educador agostiniano tem de viver a experiência da justiça e da paz em seu trabalho educativo.

A partir da realidade de seu país, de sua comunidade educativa e da igreja local, devemos fazer uma investigação sobre os documentos de Justiça e Paz já existentes e iniciarmos estudos entre professores, religiosos, alunos e pais sobre o assunto.

Da mesma forma que fizemos nessa apresentação, convidamos todos a buscar as referências sobre o tema nos documentos da OALA e refletir a partir de suas referências acadêmicas e pessoais. Essa será a beleza da diversidade de reflexões que emergirão de nossas escolas, de nossos espaços de convivência e de nossas realidades pastorais, numa busca incansável de justiça e paz, de nosso apostolado educativo.

INDICE REMISSIVO

A

Agustiniana 17, 18, 19, 20, 25, 28, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 42, 60, 62, 64, 65, 70

E

Educación 17, 18, 19, 20, 25, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 87, 92, 94, 96

Educadores 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 26, 36, 37, 52, 53, 70, 82, 88, 89, 90, 91, 96, 105, 106, 112

Educativa 16, 17, 18, 28, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 60, 70, 72, 81, 82, 88, 90, 92, 94, 97, 106, 108, 112

L

Latina 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 31, 33, 44, 47, 48, 49, 50, 60, 69, 72, 81, 84, 89, 96, 100, 104, 105, 112

M

Mundo 2, 30, 31, 33, 35, 41, 42, 46, 47, 49, 51, 56, 58, 62, 64, 65, 68, 74, 76, 77, 80, 85, 88, 89, 91, 93, 94, 95, 96, 101, 104, 105, 107, 109, 110, 111, 112

P

Pandemia 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 28, 31, 42, 44, 47, 58, 60, 61, 62, 64, 66, 69, 72, 73, 74, 76, 78, 81

T

Tiempos 17, 28, 30, 37, 62, 65, 89

V

Vida 29, 32, 33, 35, 36, 38, 39, 41, 42, 45, 48, 49, 51, 52, 54, 55, 56, 58, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 91, 93, 101, 102, 103, 104, 106, 109

CONOCIENDO A LOS AUTORES

Alexander Lam Alania es religioso agustino nacido en Lima, Perú. Ha realizado estudios en Teología y Formación para la vida religiosa en la Pontificia Universidad Gregoriana; Liderazgo en el Centro de Liderazgo Adaptativo; y Gestión de proyectos en la Universidad de Barcelona. Ha trabajado varios años en la formación de nuevos agustinos. Ha sido Prior Provincial de la Provincia Ntra. Sra. de Gracia en Perú por dos cuatrienios (2010 -2018) y actualmente es Asistente General de la Orden con sede en Roma desde 2019.

Gioberty Calle Calle es religioso agustino e hizo sus primeros votos el 1993. Ordenado sacerdote el 98. Sirvió 17 años como formador. Actualmente es el Coordinador del Equipo de Animación y Espiritualidad Continental (EAEC) de la OALA. Actualmente es Prior y Párroco en la Parroquia de Morropón (Chulucanas) del Vicariato San Juan de Sahagún de Chulucanas - Perú

Antonio Lozán Pun Lay, es religioso agustino nacido en Ica, Perú, el 18 de febrero de 1971. Técnico profesional en comunicación audiovisual. Estudió la Filosofía en el Seminario Mayor de San Carlos y San Marcelo de Trujillo y la Teología en el Centro de Estudios Teológicos de Valladolid, España. Hizo además la especialización en Sagrada Escritura (Teología Bíblica) en la Universidad de Comillas de Madrid. Actualmente es director del colegio San Agustín de Iquitos, profesor de Biblia en el seminario diocesano San Agustín y Vicario Regional de los Agustinos de Iquitos.

Arthur Vianna Ferreira es religioso agustino nacido en Río de Janeiro, Brasil y pertenece a la Provincia de Nuestra Señora de la Consolación del Brasil. Realizó sus estudios Filosóficos en la Pontificia Universidad Católica de Minas Gerais (PUC-MG) y Teológicos en la Universidad Católica Boliviana (UCB) en la ciudad de Cochabamba

- BO. Doctorado en Psicología de la Educación por la Pontificia Universidad Católica de São Paulo (PUC-SP). Profesor de Psicología de la Educación en la Universidad del Estado de Río de Janeiro (UERJ). Actualmente es el coordinador del área de Educación de OALA (2019-2023).

La Comisión de Educación de OALA (Organización de Agustinos de América Latina) presenta el conjunto de textos organizados desde la transcripción de las ideas principales de las tres conferencias realizadas en el primer Congreso Continental WEB de Educadores Agustinos en los días 31 de enero, 01 y el 02 de febrero de 2022 desde los canales de YouTube y Facebook de OALA.



RFB Editora

Home Page: www.rfbeditora.com

Email: adm@rfbeditora.com

WhatsApp: 91 98885-7730

CNPJ: 39.242.488/0001-07

Av. Governador José Malcher, nº 153, Sala 12,
Nazaré, Belém-PA, CEP 66035065

